dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2011

Ano LVII Mensile
n. 7/8 Julho/Agosto

Poste italiane SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 353/2003
(conv. In L. 27/02/2004 n. 46
Art. 1, comma 2 – DCB

TESTEMUNHAS DE GRATUIDADE

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
E-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti

Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras
Tonny Aldana • Julia Arciniegas • Mara Borsi • Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello • Anna Condò • Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein • Laura Gaeta • Bruna Grassini • Maria Pia Giudici
Palma Lionetti • Anna Mariani • Adriana Nepi • Louise Passero • Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Paola Pignatelli • Lucia M. Roces • Maria Rossi • Bernadette Sangma • Martha Séïde

Tradutoras
***francês* – Anne Marie Baud**
***japonês* - inspetoria japonesa**
***inglês* - Louise Passero**
***polonês* - Janina Stankiewicz**
***português* – Maria Aparecida Nunes**
***espanhol* - Amparo Contreras Alvarez**
***alemão* - inspetorias austríaca e alemã**

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000 Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 Filial de Roma – n. 7/8 julho-agosto de 2011 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide 11 00181 Roma

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	**A escolha da não-posse**	**04**
DOSSIÊ	**Testemunhas de gratuidade**	**05**

Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

PASSO A PASSO	**Dom Bosco e a pedagogia do ambiente**	**10**
RAÍZES DO FUTURO	**De Mornese para o mundo**	**11**
AMOR E JUSTIÇA	**"... Vão também vocês para a minha vinha"**	**12**
FIO DE ARIADNE	**A solidão**	**14**

Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

CULTURAS	**Escola viva**	**18**
PASTORAL	**A pastoral juvenil de B. 16**	**19**
MULHERES NO CONTEXTO	**O perfume da gratuidade**	**21**
NOSSA TERRA	**Água, um direito negado**	**22**
TESTEMUNHAS DIGITAIS	**Perfis do continente digital**	**23**

Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia

DE PESSOA PARA PESSOA	**Quando as palavras não bastam**	**25**
VÍDEO	**Em um mundo melhor**	**26**
ESTANTE	**Resenha de vídeos e livros**	**28**
LIVRO	**Tudo a seu tempo**	**29**
CARTA DE UMA AMIGA	**A "esperteza" do perdão**	**31**

EDITORIAL

A escolha da não-posse

Giuseppina Teruggi

Há um motivo subjacente, como um *fio vermelho – que* podemos chamar de *não-posse* – que perpassa os vários artigos desta edição do DMA. Uma referência totalmente salesiana, com sabor franciscano, se evocarmos as palavras de um recital popular sobre São Francisco de Assis: "Regra 1- nós pedimos a permissão para nunca possuir nenhuma posse". É uma conotação da gratuidade que, tornando-se um estilo de vida, pode fazer de nós "as pessoas mais livres, mais felizes" e ajudar-nos a levar a vida com mais humor. Viver a gratuidade despoja das preocupações de defender espaços pessoais, ajuda a redimensionar a pretensão de considerar "meu" tudo aquilo que é dom a ser compartilhado e que pertence a todos. Caminho de conversão difícil hoje: uma provocação, uma alternativa evangélica ao individualismo.

A escolha da não-posse, além de libertar do medo da expropriação, permite superar a tentação de sentir-se "proprietários" em vez de "administradores". Tal ótica sustenta o compromisso do trabalho assíduo e responsável de quem sabe ser colaborador/colaboradora para concluir a criação. Nossa Regra de vida indica-nos um caminho transitável quando nos convida a "submeter-nos com generosidade à lei comum do trabalho", contribuindo ao bem comum, colocando à disposição aquilo que se é. Também isso é "sinal de amor": pode qualificar a nossa identidade e caracterizar o rosto das nossas comunidades, cada vez mais interculturais. Uma escolha enraizada nas origens do Instituto. Em Valdocco, em Mornese "não é uma pessoa que educa, mas a comunidade com a riqueza dos dons de cada membro, a integração e a harmonização das diferenças". É este o critério que – na linha dos recentes documentos – guia os nossos caminhos hoje para "unir as forças e coordenar as iniciativas".

A atitude da não-posse constitui também um treinamento para viver de modo sereno a solidão, que toca cada vida humana e que pode se tornar uma cilada para quem "não conseguindo libertar-se de atitudes infantis de egocentrismo, de redobramento sobre si "assume formas de prepotência, rigidez, fechamento. Ao passo que uma solidão saudável pode ser "criativa, fecunda, aberta às relações", porquanto "solidão e socialização não são duas realidades opostas e incompatíveis, mas complementares".

São muitas as testemunhas da não-posse dentro e fora das nossas comunidades. Como Maria Adele e Elio que afirmam convictos: "Se nós conseguimos (e sabemos como é difícil) esvaziar-nos de nós mesmos e do nosso ego, colocando-nos à disposição e deixamos que a vida fluísse em nós como em um cálice sempre aberto para recolher a água pura que diariamente nos é oferecida..., então tornamo-nos capazes de fazer coisas que não imaginávamos poder fazer, porque é a Vida que flui em nós e fecunda o mundo".

gteruggi@cgfma.org

DOSSIÊ

Testemunhas de gratuidade

Anna Rita Cristaino

***"O que tens que não recebeste?"* (1 Cor. 4,7).**

A consciência de termos sido doados a nós mesmos, por um gesto puramente gratuito de Deus, nos faz perceber a nossa vida como alguma coisa particularmente misteriosa e, ao mesmo tempo, fascinante.

Basta olharmos ao nosso redor e descobrirmos que tudo o que nos circunda ali está por um plano gratuito de Deus. As pessoas, a criação, os acontecimentos, tudo o que entra em relação conosco é alguma coisa que, pensando bem, não conquistamos, mas tudo nos foi dado por graça. Se tomássemos consciência, se conseguíssemos em cada instante da nossa vida compreender e reconhecer tudo isso, não poderíamos deixar de agradecer.

Deus é Amor e o nosso ser é amor. Tudo aquilo que é, nos foi restituído em Jesus, dom por excelência do Pai, que continua todos os dias na Eucaristia.

Testemunhas de gratuidade, porque testemunhas de uma concepção de vida que inverte as prioridades. Em primeiro lugar está o reconhecimento por termos sido amados desde sempre, desde a eternidade, amados pelo Amor. Em seguida, a nossa necessidade íntima de compartilhar o dom recebido. De entrar em relação com tudo aquilo que nos fala de Deus.

"Gratuitamente recebestes, gratuitamente dais" (Mt 10,8). Sem cálculos. Livres.

Ser conscientes disso nos faz entrar na liberdade e na verdade do grande mistério da nossa fé.

Testemunhas de gratuidade, dizíamos, que não podem deixar de testemunhar a felicidade. Se só por um instante, chegássemos a perceber todo o amor que nos inunda, se pudéssemos sentir o grande e contínuo abraço com que o Senhor nos envolve, faltar-nos-ia a respiração, parecer-nos-ia muito, sentir-nos-íamos despreparados para tanto bem. Ser conscientes ao menos um pouco far-nos-ia enfrentar a vida com um olhar mais livre, mais sincero.

Levar-nos-ia a fazer da nossa vida uma contínua exploração, uma busca contínua de indícios para confirmar que somos amados, sem cansar-nos de buscar, e sobretudo sem pretender segurar. Como a esposa no Cântico dos Cânticos. Sabe que nada fez para merecer todo o amor do amado, mas está ciente de que só pelo fato de existir, é digna de amor. No seu percurso para encontrar o amado, erra, cai, retrai-se, tem medo, mas consegue achar coragem para realizar-se, correr em busca daquele que é a sua única felicidade e colocá-lo como selo sobre o próprio coração.

A coragem da gratuidade

É preciso ter coragem para aceitar que fomos amados por primeiro. É preciso coragem para aceitar a gratuidade de Deus. É preciso coragem porque tudo isso nos faz entrar em uma lógica na qual tudo pode acontecer, na qual não existem cálculos e onde o êxito desejado nem sempre corresponde às previsões.

Às vezes ouvem-se alguns pais dizendo aos próprios filhos: "Faça bonito, caso contrário, a mamãe (ou o papai) não gosta mais de você". Deus não raciocina assim. Ele nos ama e basta. Aprender a gratuidade de Deus é exercício árduo. Conseguiremos conservar o afeto pelos nossos amigos mesmo quando eles nos decepcionam, amar as nossas irmãs mesmo quando não compartilham mais nada daquilo que fazem, querer a companhia de pessoas que nos irritam ou que despertam em nós sentimentos negativos?

Creio que ser testemunhas de gratuidade seja exatamente isso. O nosso gesto de amar não é um gesto romântico, feito de coraçõezinhos e estrelinhas que se iluminam. Amar é difícil porque é um gesto gratuito. Porque não tem preço.

Mas, imaginemo-nos vivendo na mais pura gratuidade. Seríamos as pessoas mais livres, mais felizes, e saberíamos seguramente encarar a vida com mais humor.

Nada nos é devido em troca, considerações ou atestados de estima, competições para chegar primeiro, acúmulos, elucubrações mentais, lucro a ser aumentado, nada para salvar, tudo a perder.

É um caminho que está longe de ser uma descida. Talvez seja necessário redescobrir a beleza do equilíbrio entre a contemplação e a ação, aquele equilíbrio suave, fruto de uma mística vivida com otimismo, como nos ensinaram Dom Bosco e Madre Mazzarello.

O exemplo de Jesus de Nazaré

Jesus dá testemunho de uma existência inteiramente gratuita. Age com gratuidade absoluta e o mesmo recomenda aos seus discípulos. Quando descobrimos a vida como um dom, um presente precioso e inestimável, então a gratuidade é transbordante e chega a todos através dos sinais.

No relato do perfume derramado sobre os pés de Jesus, o olhar de Jesus é pura gratuidade, o único olhar gratuito entre os presentes. Alguns leem o gesto com grande interesse e chegam até a calcular o preço daquele perfume.

Mas Jesus vê apenas a profundidade do amor que aquela mulher manifesta externamente. E o mesmo acontece no relato da multiplicação dos pães. Enquanto os discípulos estão preocupados com o preço do pão a ser comprado, Jesus analisa o momento apenas na ótica da gratuidade de Deus para com a humanidade, um Deus que dá pão em abundância para todos, tanto assim que ainda sobra.

Isso nos deveria colocar diante da vida com admiração e gratidão cultivando um constante desejo de oferta e de dom.

A gratuidade é um desafio, uma provocação ao mundo ordenado e planejado. A gratuidade requer que se vá além dos modelos diante dos quais, muitas vezes, nos sentimos condicionados. Mas, fazemos esta passagem com *mãos nuas,* equipadas apenas com nossa humanidade. Onde tudo se compra e se vende, onde tudo é produto a ser consumido e descartado, ali irrompe o escândalo da gratuidade. Em certo sentido, é também um retorno à realidade, porque nos leva a compreender que nem tudo é conquistável, convertível em dinheiro, comercializável. Há bens que não têm preço, que são absolutamente transcendentais, e que atuam na natureza profunda do ser humano.

Na gratuidade o homem torna-se criativo, ao passo que na mercantilização ele é repetitivo.

Tudo é graça

A gratuidade é graça, porquanto é dom não só para quem recebe atos de gratuidade, mas também para quem os executa, pois a capacidade de amar gratuitamente é algo que acontece em nós, surpreendendo-nos sempre, como quando somos capazes de recomeçar depois de um grande fracasso, ou de perdoar realmente graves erros dos outros e nossos.

Estamos lidando com a gratuidade todas as vezes que um comportamento é posto em ato também por motivações intrínsecas e não primariamente por um objetivo externo ao mesmo comportamento.

Quando a dimensão da gratuidade é ativada, o caminho a ser percorrido é tão importante quanto a meta a ser atingida. A categoria que mais define a gratuidade é o *ágape.* De fato, não há comportamento inspirado no ágape sem a gratuidade.

Esta condição necessária já serve para distinguir a gratuidade do altruísmo ou da filantropia. O dom pode ser gratuidade, mas também não, quando nele prevalece a dimensão da obrigação.

Outra palavra que pode ajudar a colher uma dimensão necessária da gratuidade é *inocência*, que encontramos sobretudo nas crianças.

Há gratuidade também na ação de quem, como narra Primo Levi, em um campo de concentração decide construir uma "parede reta" (e não torta), apesar de não ser utilizada por ninguém e de "não servir para nada". A gratuidade é então uma dimensão que pode acompanhar qualquer ação à qual se responde apenas com outro ato de gratuidade ou dom.

O perigo do adjetivo "meu"

Deus se revela como Amor gratuito em si mesmo e naquilo que faz. Tudo o que existe, sendo fruto da criatividade de Deus, traz em si, uma espécie de marca de fábrica que se torna sua razão de ser, a imagem desse amor gratuito.

Cada coisa que existe é dom e, assim como um tesouro precioso ou um único talento, não existe para ser conservado ou admirado, mas para ser doado, e é desse modo que a sua potencialidade e peculiaridade se desenvolvem. Só assim cada dom gera vida e se torna, também nisso, "imagem de Deus".

Tudo o que somos, alma e corpo, tudo o que possuímos, fisicamente e espiritualmente, toda a criação que nos circunda com todas as criaturas que a povoam, todos os afetos, os sentimentos, os instintos, os desejos, as esperanças... todas essas coisas são "bens que pertencem aos outros".

A partir dessa consciência dos bens que são para os outros, incluindo nós mesmos e os nossos talentos, nasce o espírito da não-posse que dificilmente usa o adjetivo "meu".

O adjetivo "meu" indica alguma coisa que é de minha propriedade, e está em oposição ao que ao invés é indicado pela palavra "comum". Portanto, o que é comum pertence a muitos, a todos. Na comunidade, tudo é colocado em comum, por isso a comunidade pode ser vista como o lugar da partilha do dom e da responsabilidade.

É o espírito de pobreza, o ser pobre em espírito, que nos dá a consciência de que recebemos tudo gratuitamente e que cada dom é para os outros.

Pobre em espírito não é aquele que não tem bens nem afetos, mas aquele que sabe que todas as coisas são bens para os outros.

A gratuidade, então, leva a viver cada coisa como dom recebido e a ser doado, espontâneo como a respiração, que nos faz encher os pulmões prendendo o ar e com a mesma naturalidade soltá-lo. O sopro da vida é este: uma contínua passagem do receber ao dar. Entre as coisas criadas não há plenitude de vida apenas dando ou apenas recebendo, apenas falando ou apenas escutando, apenas amando ou apenas sendo amados, apenas pensando sem agir, mas na alternância dos dois aspectos, que podemos encontrar equilibradamente na cooperação, no diálogo, na comunhão, que são frutos do amor.

O amor sabe dar e sabe receber.

A vida em comunidade faz-nos experimentar a não-posse, antes, leva-nos à doação de nós mesmos: damos a nossa presença, até darmos a nossa vida. Estamos em comunidade para os outros, a nossa presença é uma expressão do nosso sentir-nos lá pelos outros.

O eu comunhão

Ser testemunhas de gratuidade é também ser testemunhas de fraternidade, passando do egoísmo à solidariedade, ao amor. Em comunidade experimento concretamente a minha capacidade de dom, doando o tempo, a presença, as forças, tudo pelo bem comum, a serviço da missão, que é única. O nosso trabalho pastoral, quando é sinal de partilha, de respeito, de diálogo, fala de um dom gratuito.

Também a nossa oração, quando não está centralizada em nós mesmos, torna-se dom, resposta à decisão absoluta, prioritária e gratuita de Deus de entrar em relação conosco, acolhida da sua Palavra, do seu Espírito. Oração que se descentraliza do nosso eu para centralizar-se no Eu de Jesus Cristo num movimento de abertura que leva à comunhão com Deus, por Cristo, no Espírito Santo, que impele para a caridade.

Se as nossas comunidades educativas se tornam os lugares onde mulheres e homens, jovens e menos jovens, vivem e trabalham juntos com gratuidade servindo o evangelho através do serviço educativo, elas se tornam mensageiras eloqüentes de Cristo.

Nessas comunidades então podem-se testemunhar os valores fortes do perdão, da reciprocidade, da gratuidade, da reconciliação, do discipulado.

Instaurar relações marcadas pela gratuidade, simplifica o testemunho do amor. A gratuidade dos gestos que se realizam no cotidiano é muitas vezes a única dimensão eloqüente num mundo e numa sociedade que parecem medir tudo pelas aparências, pela imagem, pela eficácia.

Também em nível social, como lembra Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate*, pode-se tomar consciência de que na lógica dominante do mercado podem-se introduzir concretamente instâncias de fraternidade gratuita, de solidariedade humana, de um estilo de vida mais sóbrio e essencial, com uma dimensão renovada de fraternidade universal.

Os passos da gratuidade

É importante passar do ser consumidor da vida ao ser distribuidor da vida porque a percebemos como gratuidade. Eis aí, então, a importância de cultivar atitudes de reconhecimento. A gratidão é sinal de uma personalidade madura e integrada; ela se reflete em todas as atividades, especialmente na oração.

De fato, o agradecimento supõe o senso da alteridade colocada em crise pelo próprio narcisismo, a capacidade de entrar em relação com um "tu". É grato quem sabe que vive uma dimensão de reciprocidade com os outros.

No relacionamento com o Senhor a capacidade eucarística indica a maturidade da fé do fiel que reconhece que "tudo é graça", que o amor do Senhor precede, acompanha e segue a própria vida.

À gratuidade de Deus para com o ser humano responde então o ser humano, com o reconhecimento e apreço pelo dom, com a gratidão. O agradecimento é a modalidade espiritual peculiar com que o cristão se refere ao mundo, às coisas, aos outros.

O cristão responde ao dom de Deus fazendo da própria vida um dom, uma ação de graças, uma eucaristia viva.

Os atos de gentileza, por exemplo, em suas formas variadas, constituem os modos concretos de manifestar a nossa gratidão. Realmente, cada gesto de agradecimento torna o gesto sucessivo mais fácil. O termo gentileza, pode causar pequenas reações alérgicas, sobretudo em quem precisou praticá-la para cumprir deveres formais.

Mas a gentileza, entendida como virtude, não se esgota nesse ou naquele gesto delicado, de boa educação, mas é constituída por um conjunto de qualidades, é um *habitus* que torna a pessoa boa, sensível às necessidades dos outros, generosa e atenta, compassiva e sempre motivada pela atenção ao próximo, no seu modo de agir. É uma atitude que plasma a identidade da pessoa. Dizer *obrigado,* não é apenas um gesto de boa educação, mas o reconhecimento de que o outro, para nós, é dom.

Fazer de modo que, com as nossas ações, o outro se sinta à vontade, reconhecido, é um primeiro ato de amor gratuito.

É um primeiro exercício que me faz sair do centro e desviar a minha atenção de mim.

A dimensão da gratuidade faz crescer a nossa liberdade e nos abre à responsabilidade. Todos nós somos livres para escolher as nossas ações, mas não podemos sair da relação que vincula o bem recebido a partir do bem doado.

De fato, a verdadeira liberdade é aquela que desperta para a responsabilidade por tanto amor recebido, pois, nada como o amor ou a consciência de ser amado, pode forjar pessoas responsáveis.

arcristaino@cgfma.org

O amor próprio, o amor de si, aquele egocentrismo que não só tende a nos colocar no centro do universo, mas nos faz rejeitar a lógica do dom e da gratuidade: tudo nos é devido, tudo é nossa possível presa, tudo está subordinado aos nossos desejos e aos nossos sonhos. Mas assim tiramos o espaço vital dos outros e, sem perceber, acabamos por tirá-lo de nós mesmos, por sufocar-nos com nossas próprias mãos: na verdade, é claro, não podemos viver, mas cabe a nós fazer dos outros ou o nosso inferno ou a fonte de uma reconciliação partilhada e, por isso, autêntica e duradoura.

(*Cartas a um amigo sobre a vida espiritual,* Enzo Bianchi, Qiqajon)

Se pudéssemos dirigir-nos a um grande escritor russo do passado, Lev Tolstòj e pedir-lhe para descrever-nos sua visão de gratuidade, talvez nos respondesse com o *incipit* de uma de suas obras literárias, *Ressurrreição:* «Por mais que os homens, reunidos num pequeno espaço em centenas de milhares, procurassem desfigurar aquela terra sobre a qual se apertavam, por mais que enchessem de pedras a terra para não deixá-la produzir, por mais que arrancassem cada fio de erva que despontava, por mais que poluíssem o ar com carbonos fósseis e com o petróleo, por mais que mutilassem as árvores e caçassem todos os animais e passarinhos, a primavera seria primavera, até na cidade. O sol arderia, a erva voltaria à vida, cresceria e enverdeceria todos os lugares de onde não fora arrancada, não só nos canteiros das avenidas, mas também entre as lajes de pedra e, as bétulas, os álamos dilatariam suas folhas viscosas e perfumadas, as tílias inchariam os gomos que já rompiam; corvos, pardais e pombos, sentindo a primavera, já prepararíam festivamente seus ninhos, e as moscas, escaldadas pelo sol, zumbiriam junto aos muros. Estariam felizes os vegetais, os passarinhos, os insetos e as crianças. Mas os homens – os grandes, os adultos – continuariam enganando-se a si mesmos e enganando os outros. Os homens considerariam como sagrado e importante, não aquela manhã de primavera, não aquela *beleza do mundo de Deus, doada para o bem de todas as criaturas – beleza pronta para a paz, o acordo, o amor* – mas aquilo que eles mesmos haviam excogitado para que uns dominassem os outros».

Paulo VI, na *Populorum progressio,* pedia para que se configurasse *um modelo de economia de mercado capaz de incluir, pelo menos tendencialmente, todos os povos e não apenas aqueles adequadamente equipados.*

Pedia para que houvesse um empenho nessa direção a fim de que se promovesse um mundo mais humano para todos, um mundo no qual «todos tivessem alguma coisa para dar e para receber, sem que o progresso de uns fosse obstáculo ao desenvolvimento dos outros» [94]. (...)

Quando a lógica do mercado e a lógica do Estado entram em acordo, garantindo o monopólio dos respectivos âmbitos de influência, com o passar do tempo vão diminuindo a solidariedade no relacionamento entre os cidadãos, a participação e a adesão, o serviço gratuito, que são realidades diferentes do "dar para ter", próprio da lógica da transação, e do "dar por dever", próprio da lógica dos comportamentos públicos impostos pela lei do Estado. A vitória sobre o subdesenvolvimento exige que se atue não apenas sobre a melhoria das transações fundadas sobre o intercâmbio, não apenas sobre as transferências das estruturas assistenciais de natureza pública, mas principalmente sobre a *progressiva abertura, em contexto mundial, para formas de atividades econômicas caracterizadas por cotas de gratuidade e de comunhão.* O binômio exclusivo mercado-Estado corrói a sociabilidade, enquanto as formas econômicas solidárias, que encontram o seu melhor terreno na sociedade civil sem contudo se reduzirem a ela, criam a sociabilidade. O mercado da gratuidade não existe, e não podem ser estabelecidas por lei, atitudes gratuitas. Todavia, tanto o mercado como a política precisam de pessoas abertas ao dom recíproco.

(*Caritas in veritate, 39)*

PASSO A PASSO

Dom Bosco e a pedagogia do ambiente

Maria Fisichella

Nós, educadoras salesianas, realizamos nossa missão como *comunidade animada pelo espírito de família* (cf C 50). Na comunidade encontram-se espaços para rezar, pensar, projetar, trabalhar e celebrar juntas, enquanto se valorizam e se integram as contribuições das diversas gerações.
As palavras de Dom Bosco ressoam particularmente atuais: «Quando somos muitos trabalhando juntos, a alegria aumenta, há coragem para suportar as dificuldades... e estímulo ao ver o aproveitamento dos outros; cada qual comunica ao outro os próprios conhecimentos, as próprias ideias e assim, um aprende com o outro.
Estando em muitos que fazem o bem, sentimo-nos motivados, sem que o percebamos»

(MB VII 602) – PF 27

Dom Bosco sonha e propõe em Valdocco uma experiência de família e cria um espaço de vida para os jovens que não têm nem casa, nem pontos de referência, oferece um ambiente, um espaço vital que quer ser, para cada jovem: casa, família, escola 'pátio´.

Pedindo à Mamãe Margarida para acompanhá-lo e ser a Mãe dos seus jovens, manifesta a convicção, a intuição de que a experiência educativa precisa de uma família, de uma comunidade de referência. Não é a pessoa sozinha que educa, mas a comunidade com a riqueza dos dons de cada membro, na integração e harmonização das diferenças.

A casa de Dom Bosco, portanto, mais que uma estrutura é uma experiência de comunhão entre pessoas que se ajudam, um processo *do* coração e *com* o coração, na referência constante a Deus, como guarda e perfeito conhecedor do coração das pessoas.

É a comunidade que se encarrega de toda a realidade vital dos jovens e, em uma relação de reciprocidade, envolve-os na criação e na experiência de relações que sejam realmente 'produtivas'.

É a comunidade inteira que cria os ambientes formativos ricos de estímulos, com os ritmos e atividades envolventes e atraentes, com as presenças de educadores e amigos significativos.

Em Valdocco, o estilo, o clima que se respira é tipicamente de família, uma família rica de relações que acolhe incondicionalmente, promove a vida de cada membro, cria condições para que cada qual seja ele mesmo, dê o melhor de si e cresça naquilo que tem de melhor. É um estilo que responsabiliza e envolve os jovens, como atores principais e protagonistas da ação educativa.

Dom Bosco estava ciente de que o relacionamento é constitutivo da pessoa humana e enquanto tal torna-a aquilo que é em relação a si mesma e defronte ao outro. Mas, ao mesmo tempo, não ignorava as dificuldades e as ambivalências que podem atravessar qualquer relacionamento. Para viver o autêntico espírito de família é necessário um caminho constante de purificação, de libertação interior, que encontra no amor o seu significado mais autêntico (Cf FP 27).

O estilo do acompanhamento educativo de Dom Bosco que continua a inspirar os que trabalham no campo da educação salesiana, tem o rosto do pastor-educador que se debruça em busca de suas ovelhas, encontra-as no seu 'aqui e agora', toma conta delas e cuida de tudo o que possa contribuir para predispor a alma à confiança.

A educação em estilo salesiano, concretiza-se na assistência, numa presença amorosa e discreta, mas firme e clara, que acompanha com a força da persuasão e da bondade, apelando para a razão e o amor. Ela se realiza quando a relação percorre o caminho do coração, porquanto, para Dom Bosco, "a educação é coisa do coração".

O 'coração' de que fala Dom Bosco é *amorevolezza* que faz os jovens se sentirem amados e que ama tudo aquilo que os jovens amam. Mas é também *razão* e *religião* que os fazem crescer na relação com Jesus através da força única da persuasão e do amor.

Portanto, o/a educador/a faz o acompanhamento, no estilo do Sistema Preventivo, esquivando-se de papéis rígidos ou de esquemas redutíveis para abrir-se e acolher o mundo vital do outro e, em alguns casos, esperando receber dele a permissão para entrar.

É em Maria, Mãe e Educadora, que Dom Bosco se inspira para aprender a arte da síntese: fundir o princípio paterno que chama a pessoa ao sentido de responsabilidade, e o materno que aponta para a acolhida ilimitada e à misericórdia incondicional, que só uma mãe sabe oferecer.

RAÍZES DO FUTURO

De Mornese para o mundo

Anita Deleidi

"*Peço a Deus* – escreve Dom Bosco – *que infunda em todas o espírito de caridade e de fervor, a fim de que esta nossa humilde Congregação cresça em número e se expanda nos outros e mais remotos lugares da terra" (Orme di vita D 118).* E, a partir de Mornese, eis a pronta disponibilidade à oração que acompanha um sonho: "*Preparem uma casa bem grande para nós já que muitas educandas querem ser missionárias"* (Carta 4, 12). O ardor missionário da *Casa do amor de Deus* "contagia" também as meninas. Os horizontes de Mornese bem depressa se estendem para o mundo... Não há medo ou um entusiasmo superficial e passageiro, mas uma convicta paixão missionária na simplicidade das vidas jovens animadas por um verdadeiro empenho apostólico.

Até a Madre insiste, escrevendo a Dom Cagliero: "*Agora ouça o que lhe tenho a dizer: assegure-me, mas realmente, hem? um lugar na América. É verdade que não sou perita em nada, mas a polenta eu sei fazer; além disso cuidarei da lavanderia para que não se gaste muito sabão; e, se quiser, aprenderei também a cozinhar um pouco, em suma farei o possível para que estejam contentes, desde que me deixe ir* (Carta 5, 11). Não nos admira por isso a promessa exagerada que o mesmo Dom Bosco havia feito nos primeiros dias do ano 1876 numa carta a Dom Cagliero, que havia partido para a América em novembro de 1875: "*Lembre-se de que em outubro nós enviaremos trinta Filhas de Maria Auxiliadora com uma dezena de Salesianos; alguns vão antes, se houver urgência"* (Ep. III 11). A realização foi possível em 1877 com apenas seis FMA, extraordinárias em sua juventude, humildes e fortes pioneiras, abertas e sem preconceitos em relação às novas e desconhecidas realidades. "*Dom Cagliero fez a escolha, e as seis escolhidas estudam com entusiasmo o espanhol e se preparam para a partida no próximo mês de novembro"* (Ep. III 213). Com coragem e zelo já intuem, na aventurosa viagem, como conjugar fadigas e missão, desde o mal de mar ("uma sentia *a cabeça girar, outra sentia enjoo de estômago... ofereciam o trabalho ao Senhor e depois dormiam") a*o catecismo, ao canto, ao testemunho sereno que impressiona os companheiros de viagem, incluindo o capitão. "*No navio pudemos entender a urgência de tornar o bom Deus conhecido e amado, e ardemos com o desejo de nos dar às almas"* (Cron. II 304).

A acolhida não será ótima, nem a casa está pronta, a pobreza é tipicamente mornesina assim como a alegria e o sacrifício generoso. "*Algumas vezes, no trabalho junto ao tanque, sentimos saudades das almas; e então: Oh, venha cá enorme lençol! Deixe-se lavar muito bem, porque só*

você, tão pesado e tão estragado, pode dar-nos um pecador de primeira qualidade" (Cron. III 42), escreve depois Ir. Giuseppina Vergniaud.

Não obstante as dificuldades causadas pela maçonaria e pelo anticlericalismo, ambos difusos, as primeiras missionárias dedicam-se com coragem às atividades necessárias, prontas a tudo desde que o anúncio do evangelho gere esperança.

"Fundar um Instituto educativo em um país significa fazer um benefício excepcional para todas as classes sociais que vivem agora e para todos os que viverão depois de nós" (Ep. III 213), escreve Dom Bosco à benfeitora Elena Jackson, residente no Uruguai, que havia contribuído para as despesas da viagem. A dimensão missionária é um *elemento essencial da identidade do Instituto e expressão da sua universalidade* (Const. 75) e conota estritamente a *sua* missão educativa, reaviva o espírito de família, a audácia apostólica e a colaboração no interior da mesma Família salesiana. As fundações são sempre caracterizadas por um traço educativo-pastoral. Salvar as almas e expandir o Reino de Deus era o único escopo que impelia as missionárias a darem respostas inculturadas, mesmo se naquele tempo o termo ainda fosse desconhecido. O *da mihi animas* vivido com fidelidade mornesina, mas atento às novas e desconhecidas realidades, permite ao carisma salesiano chegar ao coração das jovens, dos jovens mais pobres, dos imigrantes desde as primeiras, simples – e muitas vezes audazes, se vistas no contexto do tempo, dos ambientes e das pessoas – abordagens evangelizadoras.

De Mornese para o mundo

A expansão missionária iniciada em 1877 continua e hoje alcança os cinco continentes; novas e inesperadas fronteiras se abrem, enquanto outras se transformam; os contextos são cada vez mais multirreligiosos, frequentemente com a minoria católica ou longe de suas raízes cristãs. O ***desafio da interculturalidade*** dá um rosto diferente à atividade missionária das FMA, matura uma maior consciência formativa e uma presença educativa de qualidade, favorecendo redes de conexão entre o Instituto e os grupos, as instituições que se ocupam da dignidade da mulher, especialmente nos contextos de maior pobreza. Está crescendo no Instituto uma ***consciência missionária*** mais sólida: cada comunidade fundada sobre a fé e sobre a fraternidade em Cristo (Const. 36), é chamada a ser sinal e anúncio de um Amor que salva, cada comunidade é evangelizada e evangelizadora.

Ser um ***"sinal de amor"*** qualifica a nossa identidade e caracteriza o rosto das nossas comunidades sempre mais interculturais, pelas presenças e pelos destinatários. A experiência missionária das origens continua: *"Venham ver como o Senhor é grande nos seus mares e nos seus firmamentos e como é ainda maior servi-lo e amá-lo... somos felizes!"* (Cron. III 42). Nossas fronteiras são as do mundo. *"Com coragem, sem medo vão em frente"* (Carta 66, 4).

adeleidi@cgfma.org

AMOR E JUSTIÇA

"...Vão também vocês para a minha vinha..." (Mt 20, 7)

Júlia Arciniegas

O curso da história é marcado por profundas transformações e por admiráveis conquistas do trabalho, mas também pela exploração de tantos trabalhadores e pelas ofensas à sua dignidade. O Magistério Social da Igreja, com a força da profecia, afirmou que o trabalho é um direito fundamental e um bem para o homem (...). Consequentemente aponta o desemprego como uma

«verdadeira calamidade social», sobretudo com relação às jovens gerações. (Cf. Compêndio DSC 287-288)

Os fatos falam

*- Vicente faz sua família acreditar que mudou de serviço e que é um importante funcionário. Mas na realidade está desempregado há algumas semanas, e passa dias inteiros vagueando errante. Mentir tornar-se-á sua ocupação em tempo integral (*Laurent*, L´emploi du temps).*
- Depois de ter perdido o seu posto de operário, o jovem Yusuf transferiu-se de seu país natal para Estambul, em busca de um novo trabalho. Mas a cidade se revelará, para ele, um ambiente estranho e hostil (Bilge, Uzak).

O cinema com frequência tem contado histórias como estas tocando no assunto do desemprego com o relato de histórias desesperadas, tristes, trágicas. Na realidade cotidiana o desemprego tornou-se o pesadelo do nosso tempo, a calamidade que aflige os povos. O desemprego mundial atingiu seus máximos níveis históricos pelo terceiro ano consecutivo desde o início da crise econômica. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) no seu relatório anual deu o alarme sobre as tendências globais do emprego.

O desemprego dos jovens, além disso, alcançou um nível recorde nos últimos dois anos e está destinado a crescer futuramente. Este fenômeno corre o risco de criar «uma geração perdida, constituída por jovens que foram empurrados para fora do mercado de trabalho e que perderam toda esperança de poder viver de modo decente». (Kapsos). Além disso, eles não só estão desocupados, mas também pobres. A OIT calcula que cerca de 152 milhões de jovens trabalhadores no mundo, ou seja, um quarto dos jovens ocupados, vivem em situações de extrema pobreza. Vulneráveis e sem direitos.

Às fontes do amor

O desemprego, afirma Mário Toso em uma interessante reflexão sobre a dignidade do trabalho, pode ter várias causas, conforme as regiões do mundo em que se verifica. Em alguns Países, as causas são a falta de progresso cultural, técnico e científico e a carência de políticas do trabalho; ou, a passagem muito repentina de um sistema econômico predominantemente centralizado para um sistema de livre mercado; a mutação estrutural do mundo industrial, produto do progresso tecnológico ao qual corresponde, em muitos casos, um aumento enorme da produtividade sem um correspondente aumento da utilização da mão de obra. O desemprego aparece sobretudo como consequência da incapacidade dos sistemas econômico-sociais de serem vitais, de saberem articular-se e se organizar de modo mais adaptado para valorizar adequadamente os recursos humanos, colocando no centro as pessoas e os seus direitos, realizando sua prioridade e supremacia relativamente ao capital.

O trabalho pertence à condição originária do homem. Feito à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gen 1,26) no universo visível, e nele constituído para que dominasse a terra (Cf. Gen 128). A descrição da criação, que encontramos no primeiro capítulo do Livro do Gênesis é, ao mesmo tempo, em certo sentido, o primeiro «Evangelho do trabalho».

Durante o seu ministério terreno, também Jesus trabalha incansavelmente para libertar as pessoas da doença, do sofrimento e da morte. Ele não aprova a atitude do servo ocioso que enterra o talento (Cf. Mt 25, 14-30). Compara o Reino de Deus a um pai de família que saiu pela manhã em busca de trabalhadores para a sua vinha: encontrou alguns que esperavam ser admitidos por algum patrão, outros que estavam ociosos na praça e, finalmente, encontrou outros desocupados. Mandou que todos fossem trabalhar na sua vinha.

A Igreja tem sempre demonstrado um particular interesse pelo mal social do desemprego em massa. Noventa anos depois da *Rerum Novarum,* João Paulo II dedica a encíclica *Laborem exercens* (1981) ao trabalho, que é um bem fundamental para a pessoa, fator primordial para a atividade econômica e chave para toda *questão social.* Essas orientações foram colecionadas, aprofundadas e desenvolvidas pelo Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2004).

Toca a mim... toca a nós...

Um aspecto essencial da nossa pobreza é o trabalho assíduo, industrioso e responsável, com o qual colaboramos completando a obra da criação e da redenção do mundo. As *Constituições* propõem-nos submeter-nos com generosidade à lei comum do trabalho, compartilhando a sorte dos pobres que devem labutar para ganhar o pão; propõe-nos também desenvolver todas as nossas atividades com espírito apostólico e com a dedicação incansável de Dom Bosco e de Madre Mazzarello.

- Que sinais/atitudes tornam legíveis às pessoas com as quais compartilhamos as jornadas de trabalho, este nosso estilo de vida?

Educar ao trabalho significa não só transmitir habilidades e competências, mas também e sobretudo ajudar o/a jovem a tomar consciência de que a profissão é dimensão constitutiva da sua vocação humana e, portanto, acompanhá-los no desenvolvimento ético, social, espiritual para que a exerçam como serviço aos outros, ao bem comum.

- De que modo está presente esta atenção em nosso ambiente educativo? Podemos evidenciá-la em algumas das nossas propostas?

O trabalho é um bem para todos. Quem está desempregado ou subempregado vê comprometida a sua personalidade e arrisca-se a ser posto à margem da sociedade.

A busca do emprego integral continua a ser um dever para cada sistema econômico socialmente orientado, justo e democrático.

- Que estratégias identificamos em nossa comunidade educativa para colaborar na criação de postos de trabalho para todos, no território em que estamos atuando?

j.arciniegas@cgfma.org

FIO DE ARIADNE

A solidão

Maria Rossi

«A solidão é uma experiência fundamental e inevitável para a existência. Faz parte da condição humana[1] ». Segue o ser humano desde o nascimento até a morte. Tem muitos aspectos.

Atualmente fala-se dela como de um mal-estar próprio do nosso tempo, um sofrimento que a presente geração, mais do que as precedentes, acha pesado e intolerável. E não se perde ocasião para evidenciar todos os seus aspectos negativos. «É uma coisa horrível», dizia-me uma jovem interpelada a queima-roupa sobre o assunto. E o afirmava com uma carga emotiva que demonstrava desconforto. No entanto, nunca existiram tantos meios de comunicação e de fácil acesso como hoje.

A solidão faz-se sentir de modo particular na adolescência, na velhice, diante da morte de pessoas significativas, traiçoeiramente, no anúncio de uma doença grave, nas festas com um forte apelo à intimidade, como o Natal e, também, no anonimato que se experimenta em meio à multidão.

Uma enfermeira que vive sozinha, contou-me que, nas festas, oferece-se para substituir as colegas. Para ela, passar a festa nos corredores do hospital é menos pesado do que vivê-la na solidão.

A solidão na adolescência é um capítulo à parte. É porém interessante notar como as/os adolescentes, mesmo sendo superequipados e hábeis no uso de celulares sofisticados, navegando na *internet,* comunicando no *facebook* e outros, não parecem contentes e satisfeitos. Nas primeiras experiências de um relacionamento profundo consigo e labutando para gerenciar os dinamismos que surgem, são muitas vezes tentados a escapar com o uso das drogas ou com o suicídio.

A situação de solidão faz-se mais problemática para as pessoas idosas, para quem não é autossuficiente e para quem se encontra nas periferias da vida. Mas, também as pessoas que se encontram no auge da vida não estão isentas dela: com tantos compromissos assumidos, têm pouco tempo para a interiorização e a escuta.

É natural que as pessoas idosas se sintam mais sozinhas. Com o passar do tempo, faltam-lhes as pessoas com as quais haviam compartilhado alegrias e dores, esperanças, amizades e ideais. Sentem-se sozinhas também porque devem deixar aquelas ocupações que lhes ofereciam oportunidades de encontros socialmente vívidos.

Uma irmã interpelada sobre o assunto, referiu-se ao sofrimento de quem, não tendo um empenho particular, sente-se *ninguém.* Ela, porém, sentindo-se *alguém* para o Senhor, consegue viver sua situação com serenidade.

A solidão é uma experiência humana normal e complexa que perpassa todas as idades e apresenta aspectos diferentes, às vezes, opostos. É um estado de ânimo inevitável, mas também uma necessidade. De fato, a solidão protege a pessoa da invasão do mundo externo, ajuda a superar o senso de desorientação provocado pelo ritmo fremente da vida cotidiana e permite estar sobre si mesma, para escutar.

É muito diferente a situação quando a solidão é vivida como uma escolha: ou aceita com serenidade ou sentida como uma imposição. Atitudes não evoluídas de egocentrismo podem torná-la patológica, estéril, destrutiva, outras, ao invés, podem fazer dela uma experiência de crescimento pessoal. A cultura contemporânea tem enfatizado sobretudo os aspectos negativos que na vida não faltam.

É a interface da necessidade normal de comunicação. Nós vivemos com e para os outros. Elaboramos a nossa identidade em relação aos outros e alcançamos o pleno desenvolvimento quando reconhecemos que temos necessidade dos outros. A maturidade da pessoa, porém, para além da capacidade de estabelecer relações interpessoais profundas, mede-se «também pela capacidade de ficar só consigo mesma num estado de tranqüilo bem-estar».

Percebe-se a solidão sobretudo quando as pessoas significativas vêm a faltar, quando se desejaria comunicar o próprio sentimento em profundidade e não se encontram os caminhos certos para fazê-lo ou as pessoas capazes de acolherem o conteúdo da comunicação na sua densidade real e quando, não conseguindo gerenciar as dinâmicas do próprio mundo interior, a pessoa não se sente bem consigo mesma. O fato de não conseguir satisfazer a necessidade normal e saudável de contato e de relações positivas consigo mesma e com os outros cria uma sensação de mal-estar, de angústia, de medo. As reações para superar o desconforto são várias e complexas: podem ser construtivas, mas também negativas e patológicas.

Algumas pessoas tendem a fugir da solidão entregando-se a uma atividade frenética, enchendo as agendas de compromissos, dando-se a um altruísmo exagerado. As atividades, ocupando o tempo, diminuem a possibilidade de pensar, de estar consigo mesmo, de sentir o desconforto; outras pessoas, a fim de se sentirem aceitas, adotam a lógica do conformismo ao grupo, aos outros. O problema surge quando as atividades não são mais sustentáveis e quando aqueles que se aproveitaram do amigo ou amiga, o/a ignoram criando-lhe, ao redor, o deserto.

Algumas pessoas procuram ajuda assumindo atitudes de vítima, reclamando de tudo e culpando sempre e somente os outros, especialmente quem tem alguma responsabilidade. Essa atitude geralmente tem o efeito contrário. Quem envereda por este caminho afasta as pessoas e se autocondena a uma triste solidão. Também se autoisolam aquelas pessoas que, não conseguindo libertar-se das atitudes infantis de egocentrismo, de inveja, de concentração sobre si mesmas, assumem formas de prepotência, rigidez, agressividade, grosseria.

Para que a solidão não se torne problemática ou patológica, mas serena, construtiva e criativa, é preciso que a pessoa esteja bem consigo mesma. Não se consegue entrar em uma relação satisfatória com os outros se antes não se estabeleceu uma boa relação com o próprio mundo interior. Para estar bem consigo mesma, ocorre conhecer-se, aceitar-se, estimar-se e amar-se de modo saudável. Pode parecer óbvio mas não é. A aceitação de si, com a própria finitude, os limites pessoais, as próprias peculiaridades e potencialidades, nem sempre é fácil.

Assim também, a aceitação e a elaboração da própria história com sucessos e fracassos, alegrias e sofrimentos, amizades fieis e traições, realizações e sonhos não realizados, não só é difícil, mas também nunca totalmente concluída.

Também a aceitação da própria corporeidade, especialmente quando não está em consonância com os cânones da moda ou ruma para o declínio, torna-se problemática e difícil. No relacionamento com os outros, podem surgir em nós, independentemente da vontade, sentimentos de inveja, de ódio, de vingança, de rancor. São sentimentos que, se retidos e cultivados, podem envenenar a alma e a vida. Para poder estar bem consigo mesmos, ocorre encará-los de frente sem medos e sentimentos de culpa, reconhecê-los com realismo, elaborá-los em sentido positivo e superá-los. Se retidos, não permitem realizar aquela unificação interior que é fonte de serenidade e que requer uma reconciliação plena.

Quando uma pessoa, conhecendo-se e aceitando-se inteiramente, consegue estimar-se e querer-se bem de modo saudável, está bem consigo mesma.

A solidão, então, não é mais um peso angustiante do qual fugir; ela se torna abertura serena, criativa e fecunda, às relações.

Solidão e socialização não são duas realidades opostas e incompatíveis, mas complementares. Só a pessoa capaz de serena solidão é disponível, de modo construtivo, à acolhida positiva da outra/o em uma relação reciprocamente satisfatória.

A sensação de vazio profundo que acompanha cada desapego, mas particularmente a morte de uma pessoa querida, pode ser superada com uma saudável elaboração do luto. Isso significa que, «nos momentos de saudades, o objeto perdido seja introjetado, simbolizado e arquivado como uma doce recordação que faz companhia. [...] De fato, superando a dor da ausência física do objeto de amor, pode-se encontrá-lo psiquicamente vivo e presente no próprio mundo interior. E descobri-lo como uma parte de si, que nos acompanhará sempre»

«Viver uma solidão feliz é, entre outras coisas, um claro sintoma de maturidade psíquica, uma maturidade que nasce da experiência de ter-se sentido de tal modo amado, desde o início da vida, a ponto de se descobrir capaz de amar-se, independentemente da presença ou da ausência dos outros, do seu apoio ou da sua desaprovação».

Aquelas pessoas que não conseguem gerenciar positivamente o seu mundo interior, aceitar sua história inteira, contentar-se com aquilo que são e que têm, correm o risco de encontrar-se em uma solidão angustiante, estéril, destrutiva, infeliz, que «paralisa a existência e assume o rosto escuro da noite. Rosto que nem mesmo a companhia dos outros consegue clarear». A fé oferece uma grande ajuda para se chegar a uma solidão serena, criativa, fecunda. Ela permite experimentar uma solidão habitada, para além da presença das pessoas queridas que já alcançaram a Paz, também pela presença da Trindade, pelo Amor que envolve, protege, perdoa; que considera cada uma/um importante e única/o.

Mesmo se em torno se faz deserto e a não-autosuficiência limita os espaços e os horizontes físicos, a fé permite à pessoa sentir-se amada, sustentada, perdoada. Sentir-se importante para Alguém reforça a autoestima e a capacidade de autoaceitação que fundamentam uma solidão serena.

A aceitação do que se é e de como se é, reconcilia com a vida também diante de vivências internas e de estímulos externos mais ou menos agradáveis e satisfatórios, abre à grande compaixão diante de cada ser vivo e permite aceitar todas as pessoas como são, com as diferenças e os limites que as caracterizam. A grande compaixão estimula também a ficar ao lado de quem se encontra sozinha/o e desanimada/o, de quem não consegue ter paz, sem nada exigir. O gesto pode ser mal interpretado, como às vezes acontece, mas pode também abrir caminhos de Luz.

rossi_maria @llibero.it

[1] As citações e algumas ideias são extraídas do livro de CASTELLAZZI V. L., *Dentro la solitudine. Da soli felici o infelici?,* Edições Magi, Roma 2010.

O TEU AMOR
NOS AJUDA A CRESCER
E NOS ACOMPANHA

Arraigados e edificados em Cristo, firmes na fé (Col 2,7)

"Cristo nosso irmão,
Cristo, nosso amigo,
nosso Senhor.
Nós seremos fortes em Ti!"

(Hino da JMJ)

CULTURAS

Escola viva

Mara Borsi

Duas irmãs da América Latina, Ir. Edis Ruiz (VEN) e Ir. Yrma Perz (ANT) levam-nos para dentro da Escola salesiana: um ambiente educativo vivo, amigo dos jovens e que continuamente se repensa para que as novas gerações sejam promotoras de um humanismo solidário.

Qual foi a experiência pastoral mais significativa para você?

Ir. Edis - A experiência mais significativa nesses últimos anos eu a vivi na escola participando do processo da Escola Salesiana América (ESA III). O desafio mais empenhativo foi enfrentar com o grupo animador da obra, a gestão e a animação da Escola para potencializar a qualidade dos processos formativos e acompanhar todos os membros da comunidade dos educandos, especialmente os jovens mais pobres e necessitados, na descoberta do sentido da vida. Trabalhar como grupo animador enriqueceu-me realmente; é muito bonito procurar juntos caminhos novos para acompanhar a vida, o sonho das pessoas que nos são confiadas na missão, sobretudo os jovens. Eu tive a grande oportunidade também de ouvir e conhecer a história de vida dos adultos, de fazer com eles um percurso de acompanhamento, descobrindo o "sabor" da vida e, nela, a passagem de Deus. Outra experiência que me fez crescer foi aproximar as famílias: sair da Escola para encontrar as famílias dos jovens, dos meninos, das meninas e conhecer sua realidade, onde vivem, como vivem... ouvir e compartilhar suas necessidades.

Ir. Yrma - As experiências pastorais que vivi em diversos ambientes educativos foram muito bonitas, enriquecedoras e significativas. Gostaria de compartilhar com vocês a minha experiência de professora na Escola Superior e coordenadora de um grupo. Trabalhei em uma classe de adolescentes entre 14 e 16 anos de idade considerados muito difíceis, irresponsáveis e indisciplinados. No início foi realmente difícil mas, aos poucos, fui percebendo que antes de tudo eu devia conhecê-los, interessar-me por cada um de modo personalizado porquanto atrás de comportamentos indisciplinados esses jovens escondem desconfortos, problemas pessoais e familiares. Cheguei a compreender que a indisciplina deles era apenas um grito de socorro. Com paciência, humildade, escutando e procurando compreender, ganhei sua confiança e também seu afeto. Aprendi muito com eles, em primeiro lugar a saber escutar sem preconceitos, a colocar-me na pele deles, a caminhar ao seu lado sem imposições, a fazer-me mais amar que temer. No final do ano escolar posso dizer que os adolescentes já davam sinais de melhora, alguma coisa na vida deles havia mudado e também na minha.

Que desafios, necessidades, expectativas você enfrentou na missão entre os jovens?

Ir. Edis - São muitos os desafios, muitas as necessidades de formação nos novos lugares de reunião dos jovens. As rupturas familiares, a promiscuidade, as novas culturas juvenis não nos deixam tranquilas. Os jovens têm necessidade de adultos que sejam pontos de referência confiáveis, testemunhas de um amor que se faça escuta, acolhida, acompanhamento. Precisam de alguém que os ame tanto a ponto de acolhê-los assim como são e que queira levá-los à plenitude da vida. É urgente acompanhar as famílias na formação integral dos seus filhos e ficar atentas às situações de necessidade fora do ambiente escolar.

Ir. Yrma - Os jovens de hoje vivem em um ambiente novo: a *Internet.* Aqui nós somos chamadas a estar presentes. As novas gerações vivem uma vida virtual, numa rede de contatos e de amigos

virtuais, mas permanecem bastante sozinhos. Enfrentar o *cyber* espaço é um grande desafio para nós, educadoras.

Os jovens, junto com o medo das escolhas duradouras, manifestam a necessidade de experiências profundas e, na maioria das vezes, deixam-se envolver quando lhes é feita uma proposta forte, decidida, autêntica. Um grande desafio para nós é como apresentar a espiritualidade salesiana.

A significatividade e a eficácia da pastoral dependem da coerência entre o que proclamamos e o que vivemos. Os jovens seguem os modelos mas não toleram os discursos.

Que sinais de esperança você vislumbra na realidade juvenil do seu contexto?

Ir. Edis - Em meio a tantos desafios há também muita esperança porque, acredito, o coração dos jovens anela por "grandes coisas"! Acredito que os jovens, por sua vez, possam se tornar evangelizadores de outros jovens. Eles têm necessidade de Deus. A nós cabe o dever de acolher esse veemente desejo fazendo propostas altas, capazes de levar aos seus corações a felicidade que só pode vir de Deus.

Ir. Yrma – A sua grande sensibilidade aos valores humanos: a solidariedade, a disponibilidade, a justiça, a paz. Lembro com muita admiração os adolescentes e os jovens da última comunidade em que vivi, sua criatividade e seu espírito de sacrifício nas diversas iniciativas de solidariedade empreendidas. Outro sinal de esperança é a sua receptividade e a acolhida às propostas de espiritualidade profunda e a busca de modelos verdadeiros e de testemunhas confiáveis.

mara@cgfma.org

PASTORAL

A pastoral juvenil de B. 16

Mara Borsi

Os jovens dirigem-se ao Papa atual chamando-o afetuosamente B. 16, mais uma demonstração de benevolência e simpatia para com este Papa, professor e teólogo que, como o seu predecessor, demonstra uma clara predileção pela juventude.

A partir de numerosas intervenções e discursos do Papa Bento é possível compreender o que ele espera da pastoral juvenil. Antes de tudo, acredita que a juventude deve ser realmente a prioridade do trabalho pastoral. Para ele a meta principal é a educação das novas gerações "na fé, no seguimento e no testemunho". E na situação de isolamento e de solidão em que vivem os jovens de hoje, o Papa entende a pastoral essencialmente como «um acompanhamento pessoal» por parte da comunidade eclesial. Os jovens devem sentir-se amados e acolhidos. «Este acompanhamento deve fazer tocar com as mãos que a nossa fé não é alguma coisa do passado, que pode ser vivida hoje e [...] que o modo cristão de viver é possível e razoável». Por isso é tão importante para os jovens «poderem fazer a experiência de Igreja como de uma companhia de amigos realmente confiáveis, próxima em todos os momentos e circunstâncias da vida».

Amplo envolvimento

A pastoral juvenil, talvez mais do que todos os outros setores de empenho pastoral da Igreja, requer o envolvimento de toda a comunidade cristã. Por essa razão, Bento XVI exorta os dirigentes da pastoral juvenil não só à comunhão profunda com o Senhor, mas também à comunhão entre os educadores: «a disponibilidade e prontidão para trabalhar juntos, para "fazer rede", para realizar com alma aberta e sincera toda sinergia útil». O convite está em evidente contraste com um difuso individualismo dos dirigentes da pastoral juvenil, e os exorta a unirem as forças, a coordenarem melhor as iniciativas, para evitar uma fragmentação dispersiva e deletéria.

Trata-se também de envolver todas as realidades agregadoras, as associações juvenis, os movimentos e as novas comunidades eclesiais, mas também os oratórios, a escola católica e sobretudo as famílias cristãs.

Os pilares

O magistério de Bento XVI exorta-nos a reconsiderar seriamente as escolhas básicas do nosso compromisso com as jovens gerações e nos ajuda a voltar ao essencial. No magistério do Papa, encontramos alguns "grandes temas" que podemos considerar como os "pilares" da pastoral juvenil. Lembro-os brevemente:

- *A centralidade de Deus na vida da pessoa humana.* O problema fundamental é a questão de Deus: e a resposta não é um deus qualquer – insiste Bento XVI – mas o Deus que tem o Rosto de Jesus de Nazaré. Ora, a fé não pode ser considerada como óbvia. As jovens gerações têm o direito de receber o anúncio de Deus de maneira explícita e direta, sem reduzi-lo a um pretexto para tratar de questões que, talvez, pareçam mais interessantes à mentalidade moderna. Seja como for, o Papa nos oferece a regra fundamental para guiar o nosso trabalho pastoral: «Quem não dá Deus, dá muito pouco».

- *O princípio da racionalidade da fé,* realmente importante para os jovens, pois, hoje prevalece neles a dimensão afetiva e sensorial, em detrimento da razão. Bento XVI confirma: «O desejo da verdade é inerente à natureza do homem. Por isso, na educação das novas gerações, a questão da verdade, com certeza, não pode ser evitada: antes, deve estar no centro. Colocando a pergunta em torno da verdade ampliamos realmente o horizonte da nossa racionalidade, começamos a libertar a nossa razão daqueles limites muito estreitos dentro dos quais ela fica confinada quando se considera racional somente aquilo que pode ser objeto de experimentação e de cálculo». Portanto, a nossa pastoral juvenil não pode contentar-se com experiências efêmeras e superficiais, mas deve concentrar-se em profundidade. Lembramos a propósito o pedido urgente para dar vida a uma verdadeira e autêntica "pastoral da inteligência".

- *A pastoral juvenil,* apontando para a educação integral da pessoa – toca diretamente o âmbito da *liberdade* e seu uso correto, para que seja verdadeiramente orientada ao crescimento humano e cristão dos jovens. Trata-se de uma questão decisiva para a vida, diz respeito de fato às *escolhas vocacionais.* A este propósito o Papa sublinha: «Uma educação verdadeira deve despertar a coragem das decisões definitivas, que hoje são consideradas um vínculo que mortifica a nossa liberdade, mas na realidade são indispensáveis ao crescimento e à realização de alguma coisa grande na vida [...] portanto, à consistência e significado da mesma liberdade».

- *A beleza.* Alguns dias antes da JMJ de Colônia, em 2005, um jornalista perguntou a Bento XVI: «Santidade, o que gostaria de transmitir de modo especial aos jovens que estão chegando do mundo inteiro?». «Gostaria de convencer esses jovens de que é belo ser cristãos! Os jovens devem viver a fé com alegria, saborear aquela serenidade profunda que nasce do encontro com o Senhor [...]. A fonte da alegria é esta certeza de ser amados por Deus».

O Evangelho abre um horizonte apaixonante pelo qual "vale a pena empenhar-se, vale a pena apostar toda a vida em Cristo"! Eis, então, um desafio decisivo para a pastoral juvenil: revelar aos jovens o Rosto luminoso de Cristo e do seu Evangelho, convencê-los de que ser cristãos não só é correto, mas é belo!

mara@cgfma.org

O perfume da gratuidade

Paola Pignatelli, Bernadette Sangma

O perfume da mulher

É um título atribuído à mulher sem nome, do Evangelho de Lucas (7, 36-50) por Núria Calduch-Benages, uma teóloga espanhola. *A identidade dessa mulher está confusa entre Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro e Maria Madalena.* Para nós, no entanto, é simplesmente a mulher que perfumou Jesus, é aquela que derramou o seu vaso de alabastro sobre os pés do Mestre», diz Núria.

O Evangelho diz que Jesus "entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. E eis que uma mulher, uma pecadora daquela cidade... chega com um vaso de óleo perfumado". Não estava entre os convidados, não tem nome, não tem identidade, o único atributo da sua pessoa parece ser "pecadora da cidade". Somam-se nela todos os possíveis aspectos da marginalidade. Apesar disso, ela não se deixa condicionar por nada.

A audácia com que supera cada obstáculo para lançar-se na demonstração do seu amor por Jesus é *bem delineada nas palavras* do Cântico dos Cânticos: "as grandes águas não podem apagar o amor, nem os rios arrastá-lo" (Ct 8,7).

Na sua descrição, Núria diz que «o perfume da mulher é o sinal do seu grande amor, da sua gratidão infinita, é a expressão, sem palavras, do quanto seu coração sente por Jesus. E, já que não sabe falar, seu coração a impulsiona para um gesto audaz». Não se dá perfume para qualquer um, nem se usa perfume inutilmente. É um dom destinado a demonstrar deferência para com pessoas muito amadas. A unção da mulher exala um aroma de gratuidade".

A economia do dom

É uma teoria desenvolvida sobretudo por Genevieve Vaughan, fundadora da *Foundation for a Compassionate Society* e autora de um livro com o título *Per-dono, uma critica feminista da troca.*

Genevieve afirma que há dois paradigmas econômicos básicos que coexistem no mundo de hoje. Um paradigma é visível, altamente avaliado e é associado aos homens, enquanto o outro é invisível, subestimado e associado às mulheres.

Sua proposta é valorizar o paradigma ligado às mulheres para efetuar uma mudança dos valores que sustentam a nossa vida, as políticas e a economia.

Ao neoliberalismo, que ela considera uma reprodução do discurso colonial, propõe uma alternativa baseada na prática do dom.

Esta prática tem como ícone 'cuidar do outro'. Está, portanto, estreitamente ligada à mulher e centralizada no outro, criando a cooperação e a comunhão, enquanto o neoliberalismo baseado na troca orientada para o ego, cria o antagonismo e a concorrência.

Diz-se que o trabalho doméstico gratuito da mulher, se fosse calculado em termos econômicos, alcançaria no mínimo 40% do PIB da maioria dos Países. Essa contribuição das mulheres pode ser considerada um dom ao mercado. O ato de assumir o paradigma do dom poderia *guiar-nos por estradas* decididamente diferentes *com relação aos* efeitos desastrosos aos quais o capitalismo patriarcal levou o mundo.

As mulheres, protagonistas na implementação do paradigma do dom, poderiam *acompanhar* a nossa sociedade nessa direção.

Escutemos Maria Adele

Maria Adele Roggero, presidente do MEIC (Movimento Eclesial de Empenho Cultural), Associação que, há anos, atua em Turim no campo da Formação e do acompanhamento das mulheres Magrebinas (do norte da África), disse, com luminosidade no olhar:

"Há 43 anos, quando eu me uni em matrimônio com o meu marido Hélio, estávamos muito apaixonados e cheios de projetos (muitos filhos, trabalho, empenho social...) seguros de poder levá-los adiante com as nossas jovens forças, o nosso otimismo e a ajuda de Deus em quem confiávamos com fé serena e ativa.

Agora, olhando para aquilo que a vida nos pediu podemos dizer com um sorriso que estávamos muito otimistas, um tanto inconscientes e certamente pouco preparados para enfrentar tudo o que, depois, Deus nos teria apresentado. Sim, os eventos de nossa vida foram muito diferentes dos projetos que tínhamos em mente: os filhos naturais não chegaram; uma seriíssima doença de Hélio, que dura até hoje, obrigou-nos a reprogramar tudo... *encontrando alternativas para a vida conjugal e para a paternidade!*

E assim os filhos chegaram, não da minha barriga mas de outro continente e nos deram alegrias, preocupações e satisfações como todos os filhos deste mundo.

A doença de Hélio, que comporta severíssimas limitações à sua mobilidade, ensinou a ele, tão esportivo, dinâmico e protagonista em tudo o que fazia, a desenvolver o aspecto contemplativo da vida interior, a alegrar-se com as pequenas coisas, a ver os outros agirem. E a mim, que tinha nele o meu motor e a minha vitalidade, ensinou a arte de mover-me também por ele, trazendo-me interiormente, uma grande força, a sua espiritualidade e o seu amor.

E aqui entra o jogo da gratuidade. Na verdade, a vida nos ensinara o maior dos seus segredos: se nós conseguimos (e todos sabemos bem como é difícil!) esvaziar-nos de nós e do nosso ego colocando-nos à disposição, e deixamos que a vida fluísse em nós como em um cálice sempre aberto para recolher a água pura que diariamente nos é oferecida como eterno Dom de Deus, então, nós nos tornamos capazes de fazer coisas que não imaginávamos poder fazer, pois, é a Vida que flui em nós e fecunda o mundo".

Humildemente, nós perguntamos

O inequívoco "vado io" continua sendo a alma da nossa fraternidade? Ainda dá asas ao nosso viver e trabalhar em conjunto? Os braços abertos de Jesus, pendurado em nosso pescoço, crucificado por amor, abrem de par em par as portas do nosso coração às dimensões solares do "gratuitamente você recebeu, gratuitamente dê"?

paolapignatelli@hotmail.com , d.sangma@cgfma.org

NOSSA TERRA

Água, um direito negado

Anna Rita Cristaino

A água é bem comum a ser preservada e distribuída de modo equitativo. Na verdade, água quer dizer também saúde e desenvolvimento. Segundo dados da Unicef, 884 milhões de pessoas no mundo, cerca de um sexto da população do planeta, não têm acesso à água limpa; entre estas, oito sobre dez vivem em áreas rurais. 1,6 bilhões de pessoas não têm acesso à água potável e 2,6 bilhões, cerca de dois quintos da população mundial, não têm acesso a medidas higiênicas adequadas. Todos os anos, estas carências higiênicas somadas ao uso da água contaminada, provocam a morte de 1,4 milhões de crianças, uma a cada 20 segundos, por diarreia. O Programa de avaliação dos recursos hídricos mundiais, fundado no ano 2000 pelas Nações Unidas, estabelece que o mínimo necessário, por dia, de água limpa para beber, cozinhar e se lavar corresponde a 20-50 litros por pessoa, e sublinha a grave desproporção no uso desse precioso recurso. Nos Países em via de desenvolvimento, de fato, cada pessoa consome em média não mais do que 10 litros de água por dia; valor que na Europa sobe para 200 litros e na América do Norte toca os 400 litros. No entanto, ao sublinhar que "sem água não há dignidade e possibilidade

de fugir da pobreza", Ban Kimoon, secretário geral da Onu, na sua mensagem para o Dia da Água convida os governos e a comunidade internacional a "inverter o declínio alarmante dos investimentos em relação à água e aos serviços higiênico-sanitários".

Há quem calcule que em 2050 quatro bilhões de pessoas não terão água potável. Fato gravíssimo porque favorece as emergências sanitárias, (por exemplo, as epidemias de cólera). O recurso escasseia por motivos climáticos, pela expansão urbana, pela poluição. Mas também por causa de políticas de privatização e de especulação sobre os preços dos serviços hídricos, em detrimento das faixas pobres da população. Em diversos Países do mundo a sociedade civil tenta tutelar este recurso através de práticas de uso sustentável e campanhas de sensibilização, também porque as intervenções que vêm de cima não parecem decisivas.

E nós? O importante é a informação sobre as diversas políticas públicas das nossas cidades a respeito da água, sobre a gestão das fontes, ou a construção de barragens e aquedutos, para garantir que o direito de todos ao usufruto de um bem essencial à nossa vida seja protegido e que não se torne um "tesouro" apenas para quem tem recursos econômicos.

Mas a nossa sensibilização pode transformar-se em gestos concretos de atenção ao uso sóbrio desse recurso, para limitar o seu desperdício e, sobretudo, para educar a estilos de vida sustentáveis.

arcristaino@cgfma.org

TESTEMUNHAS DIGITAIS

Perfis do continente digital

Os rostos da era *cross media*

Maria Antonia Chinello

58% das crianças que têm entre 12 e 15 anos jogam videogame, sabem mexer com o *iPad,* mas não sabem andar de bicicleta e 11% não sabem amarrar os sapatos e não sabem responder corretamente quando lhes é perguntado o endereço de casa. Estes são os resultados de uma pesquisa sobre como mudou a interação entre as crianças e as tecnologias.

Segundo o *Projeto Eu Kids online* da União Europeia*,* 93% dos que têm entre 9 e 16 anos navegam ao menos uma vez por semana, enquanto 60%, todos os dias ou quase. Buscam-se informações *online* para as tarefas de casa (85%), jogar (83%), ver vídeos (76%), comunicar-se com os próprios amigos pelo *Instant Messaging* (62%), compartilhar imagens (39%) e gerenciar o próprio perfil (59%).

O estudo *«The world unplugged»* conduzido pela Universidade de Maryland (Estados Unidos) sobre mil universitários de todo o mundo, deu como resultado que, se eles forem deixados durante 24 horas sem celulares, web e tv, a síndrome imediata é a do vazio digital. Sem conexão, os nativos digitais, sentem-se perdidos. Muitos dos jovens definiram "cruel" o estudo: «O silêncio estava me matando».

Parece que eles não sabem mais viver, sem a conexão: «As relações sociais dos jovens de hoje viajam através da tecnologia. Esses jovens cresceram tendo sempre à sua disposição, uma conexão» diz Susan Moeller, coordenadora da pesquisa e diretora do *International Center for Media,* na Universidade de Maryland.

100% dos jovens envolvidos no experimento têm um celular, 85% um computador próprio e a maioria (59%) deram os primeiros passos na Internet antes dos 10 anos (18%, antes dos cinco

anos). Quando chegam à Universidade, 43% desses jovens que cresceram com o interruptor sobre "on", passam entre 3 e 4 horas por dia em Rede e 25% entre 5 e 6 horas cotidianas.

É certo, porém, que não só os jovens estão cercados por um mundo que agora fala através de telas e *display* (tv, celular, pc, *playstation, tablet, smartphone,* etc.). Para todos, também para os adultos, viver *off-line* requer um esforço de vontade, porquanto é difícil até mesmo do ponto de vista prático. Querendo ou não, encontramo-nos cercados por telas que nem sempre podem ser evitadas: «Desci no metrô – escreve um jovem – e quando levantei os olhos tudo aquilo que havia conseguido evitar até então, me assaltou: uma tela com o telejornal. Procurei afastar-me, mas não posso negar que escutei as notícias». Então, qual é o rosto que pode ser desenhado para as gerações digitais, nascidas e criadas mastigando pão e tecnologias? Quais relações mantêm?

Boas notícias da Rede

Segundo Chiara Giaccardi, socióloga da Universidade Católica de Milão, a centralidade das Redes Sociais na vida dos jovens é do tipo vetorial. As plataformas para a socialização em Rede inserem-se fortemente no cotidiano dos jovens, seus serviços tornam-se sempre mais "indispensáveis", com relação a uma contemporaneidade catalisadora e complexa, que precisa de instrumentos que simplifiquem e estabilizem relações e tempos, aumentem a multiplicidade da realidade e as ocasiões relacionais.

A conexão cada vez mais *wireless* não tem limites de tempo e de espaço, marca as amizades, os afetos, o tempo livre, o trabalho: pode-se continuar a "ficar" e a "bater papo" com os amigos, "construir" comunidades em torno de interesses e gostos, "multiplicar" os contatos, "produzir" áudios, vídeos, textos, imagens que, depois, são compartilhados e distribuídos na Rede e "escutados" com o *iPod* ... Os dois mundos, o *online* e o *off-line,* não são paralelos, mas um único espaço "real" de experiência, diversamente articulado e unificado pelas práticas: os jovens estabelecem continuidade e não contraposição entre as relações que vivem e experimentam dentro e fora da Rede. A centralidade da interação aposta nas dinâmicas do *reconhecimento* e da *confiança* como chave de acesso aos círculos sociais, que constroem partilha, guardam memórias e se abrem à potencialidade do futuro. É colocada em ato uma real capacidade de *"estar-com", de compartilhar, de acompanhar-se* mutuamente tanto nos momentos passageiros da vida, como no cotidiano.

Bento XVI, na Mensagem para a Jornada Mundial das Comunicações sociais 2011, solicita-nos, a partir do fato de que os rostos da web 2.0 são marcados pela sociabilidade, a dar vida a um novo humanismo, inaugurando também "comunidades" que sejam casa-escola de comunhão, oficinas e agendas de esperança, lugares de beleza e autenticidade, no continente digital.

Re-construir a Rede. Há a necessidade de "ser" autêntico e responsável por todos e por cada um.

mac@cgfma.org

«O educador de hoje não pode ser como o de ontem; mas é aquele que vai ao encontro do educando onde este se articule melhor.

Não se trata mais de transmitir alguma coisa que não existe, mas de tirar para fora alguma coisa que já existe.

O educador deve escutar porque só assim pode sintonizar-se com o educando e colocar-se em relação»

(Chiara Giaccardi).

Quando as palavras não bastam

Anna Rita Cristaino

Andei pelos bosques para viver com sabedoria, viver com profundidade e sugar a medula da vida, para desbaratar tudo aquilo que não era vida e não descobrir, em ponto de morte, que não havia vivido. (Henry David Thoreau)

Aurora, mulher de Deus, acaba de descobrir o sentido da novidade de cada dia. Deus consagrou-a a si, e ela se deixou envolver nessa aventura de amor.

Passaram-se muitos anos nos quais viu sua juventude encher-se da alegria do dom ao Senhor. Ele, o rei da sua vida, acompanhou-a por sendas de luz e de sombras. Ela prosseguiu caminhando com os olhos fixos diante de si, sabendo que o futuro era a parte mais longa a ser vivida.

Agora, porém, seu olhar começa a voltar-se para trás. Reflete sobre aquilo que fez, aquilo que poderia ter feito. Reflete sobre os fracassos e os sucessos. Traz à mente as coisas que mais a alegraram e aquelas que mais a fizeram sofrer. Descobre, depois de anos nos quais lhe parecia ter enveredado por uma estrada bem delineada, que se encontra de novo numa grande encruzilhada. Os caminhos a serem percorridos, as possibilidades são tantas. Encontra-se de novo na incerteza da escolha.

A primeira vez, o seu enamoramento havia-lhe talmente preenchido de tal modo o coração, que empreendera aquele caminho de doação total a Deus, quase dançando. Agora o seu passo é lento, pacato, mais refletido. O seu olhar é atento ao lugar onde está, onde se encontra. Deseja o silêncio. Deseja compreender-se. Quer voltar a se escutar. Todos os dias sua vida passa através de gestos cotidianos que parecem sempre os mesmos. Quantos rostos, quantos olhares encontrados. Cada um deles deixou uma marca no seu coração. Cada um representou um pedaço do mosaico da sua vida. Naqueles encontros parecia revelar o significado do seu ser aos outros, naquelas relações, dia por dia aprendeu a conhecer-se, a se enxergar. Mas agora tudo isso lhe parece óbvio. Está na metade da sua vida. Procura todos os meios para vencer a tentação dos orçamentos, e resumir as coisas. Mas precisa entender.

Certo dia encontra uma mulher que é chamada por todos: a fada das geleias. Uma mulher serena, que nada faz para atrair a atenção sobre si. Discreta. Aurora percebe que esta mulher, há muitíssimos anos, sempre faz o mesmo trabalho seguindo um ritual marcado por horários precisos que provocam o comentário: a mulher das geleias agora está fazendo isso, ou aquilo.

Aurora aproxima-se dela, quer entender o seu segredo. De onde nasce toda aquela serenidade? Em que se fundamenta a sua vida? A mulher das geleias convida-a para um passeio no bosque.

O caminhar nas trilhas de um bosque, talvez na primavera, quando tudo retorna à vida, quando se veem as árvores reverdecerem, os frutos do bosque despontarem nas moitas de modo tão discreto, quando o voo despreocupado das borboletas guia o olhar para flores de todo tipo, flores livres, nascidas por acaso, em lugares onde ninguém plantou, torna-se metáfora do retorno a si mesmo. Aurora começa a escutar o bosque, o seu caminhar e a sua atenção ocupam-se da trilha onde deve colocar os pés, um passo depois do outro, procurando evitar os buracos, as valas ou as pedras. Sua atenção é despertada para a presença de tanta beleza. Flores, arbustos, espigas, ervas, folhas, ramos, árvores, raios de sol, jogos de sombra, borboletas.

É acompanhada por um fundo musical de pássaros: calhandras, melros, rouxinóis, cucos, pica-paus. Escuta o rastejar dos lagartos, o zumbido das moscas e das abelhas.

Passa por veredas mais tortuosas, por trilhas em linha reta, por selvas mais escuras. Em seguida começa a sentir também as batidas do seu coração e o afã da sua respiração. Goza do sol entre os ramos, teme a escuridão das trilhas mais ríspidas, alegra-se nos espaços mais abertos, toma coragem ao enfrentar pequenas e grandes subidas, ao escolher a direção certa. Fica atenta a tudo aquilo que poderá ajudá-la a reencontrar o caminho.

Coloca à prova suas próprias forças, sua própria vontade, seu próprio bom senso. Sozinha no bosque encontra-se consigo mesma, com seus medos, suas ansiedades, suas alegrias e despreocupações. Não pensa aonde deverá chegar e quanto ainda falta, procura apenas não perder nada do que encontra durante o percurso.

Aurora diz à mulher: «O bosque ensina-nos a arte da atenção, da escuta, da leitura, do sentimento. Prestando atenção ao que poderia parecer insignificante, ao que é natural que exista, ao que é tão cotidiano e normal, surpreendemo-nos olhando para nós mesmos com mais realismo e consciência.

Então, naquele silêncio habitado por tantas vozes, a nossa e a da natureza, descobri o sentido do louvor, do agradecimento, da confiança, do pedido de ajuda. Eu quase fiz um caminho de purificação».

A mulher das geleias, simplesmente lhe disse: torne-se você mesma. Como as flores, os morangos, os mirtilos, as borboletas, as árvores, os passarinhos que não fazem outra coisa senão permanecerem fieis à sua natureza, Aurora é também chamada a permanecer fiel à sua identidade de mulher amada e amante.

Só a atenção às pequenas coisas, nos faz descobrir a novidade de cada dia.

arcristaqino@cgfma.org

VIDEO por Mariolina Parenteler

EM UM MUNDO MELHOR - de Susan Bier – Dinamarca/Suécia 2010

Cinema ético e cinema apaixonado, o de Susan Bier. «Ambicioso e bem sucedido apólogo moral sobre a família, a educação e a não-violência» - sintetiza no *incipit* a crítica feita pela Revista Cinematográfica. A diretora explica que o filme «Explora o nascimento das relações violentas em filhos adolescentes e as dificuldades dos adultos que, com o exemplo pessoal, tentam indicar o caminho do comportamento civilizado, chegando a 'dar-lhe outra cara'.

Deseja-se saber – acrescenta – se a nossa cultura 'avançada' é modelo para um mundo melhor ou se, ao contrário, o caos está à espreita sob a superfície da civilização».

Grande Prêmio do Júri e Melhor filme votado pelo público no Festival de Cinema de Roma em 2010 e, em 2011, obteve o Oscar como Melhor filme Estrangeiro e Melhor filme da União Europeia.

Uma obra cativante e dramática, que deve ser conhecida e valorizada «como proposta de reflexão para todos: adultos, adolescentes e jovens, sobre as várias questões importantes que enfrenta» (CVF).

Ele parte de situações infelizmente comuns – entre elas o *bullying* na escola, os litígios por motivos torpes na rua – mas conduz à intuição de que a crise educacional é a outra face da crise moral, hoje, mais que nunca, chamada a dar as razões de si mesma, defronte a um mundo em que «a loucura da violência parece racional dentro de um sistema de prevaricação muito generalizado».

Qual mundo melhor?

O "Mundo melhor" de Bier pretende falar do homem para além da cor da pele, da latitude, do domicílio fiscal. E da idade. O seu quadro nos conduz a duas ambientações autênticas narradas paralelamente: a África pobre e devastada, do Darfur, e uma cidadezinha opulenta da Dinamarca. Também os personagens pertencem a duas duplas com duas respectivas idades, a adulta, dos pais e a adolescente, dos filhos. A primeira é um casal de médicos – um dos quais, Anton, trabalha no Quênia nos períodos de emergência, socorrendo doentes e feridos, vítimas de carrascos. A mulher, em vez, presta serviço em um hospital dinamarquês, pátria dos dois, onde vive com o filho Elias, tímido e atormentado pelos companheiros de escola. A outra dupla é composta por um viúvo de meia idade e por Christian que, faz pouco tempo, chegou de Londres, revoltado 'interiormente' contra a vida e com o pai, que ele acusa de ter desejado e favorecido a morte da mãe. Os dois jovens são alunos do Ensino Médio. Elias, pelo formato de seu rosto, é cognominado «focinho de rato» pelos companheiros *bully* que o perseguem, aproveitando-se de sua ingenuidade.

Christian não pode suportar as injustiças e toma o seu partido com o pretexto de que «quem se faz ovelha, o lobo o come!». Defende-o realmente a mão armada, com uma faca, e ameaça cortar o pescoço de um *bully* agressor. No momento, obtém sucesso e Elias, que fora deixado em paz, liga-se a ele com uma intensa mas arriscada amizade. Um dia porém sucede que – durante um curto intervalo vindo da África – é o pai, médico, que está na sua companhia, a ser a vítima, sem ter reagido aos insultos e bofetadas de um mecânico abusado. E Christian pensa em se vingar e fazer justiça. Com a ajuda do amigo confecciona bombas feitas com fogos de artifício descobertos no sótão, e explode o carro do mecânico. A iniciativa tem êxito, mas Elias, na tentativa de afastar da explosão uma senhora com uma criança que surgiram improvisamente na estrada, corre ao encontro delas. Livra-as da morte, mas é vítima do atentado. Christian ficou de tal modo perturbado com as consequências do seu tresloucado gesto de vingança, que pensou em suicídio. No último minuto é alcançado pelo pai de Elias, que o salva. Depois, fica no hospital para cumprimentar o amigo e lhe pedir perdão...

A esta altura, nasce uma pergunta: é realmente a violência com sua marca de vingança, a verdadeira protagonista do filme? Ou, ao contrário, é o perdão o verdadeiro centro gravitacional? A cena que mais toca o coração de todos é aquela em que vemos Christian arrependido reconciliar-se – finalmente – com um abraço demorado e sem palavras, também com o pai, depois de ter mantido uma impressionante e interminável atitude gélida. A autora dinamarquesa procura nos seus personagens – e nos atores dirigidos com perfeição – uma lei moral (ainda) possível. Os rostos e os olhares dos pequenos protagonistas – de um lado Christian e Elias, à mercê da crise de uma sociedade emancipada, do outro lado os jovens africanos que enchem com sorridente ingenuidade os campos médicos "da esperança" – dão testemunho dos contrastes existenciais de um mundo não globalizado eticamente, é certo, mas, aberto a um possível "mundo melhor".

PARA REFLETIR

Sobre o projeto do filme - Colocar um questionamento ineludível: "Como se está no mundo? Qual lei é preciso seguir? A da vingança ou a da não-violência?

Na sua essência a obra de Bier parece perguntar com tensão apaixonada: que eficácia pode ter a educação num mundo marcado pela violência? Que futuro oferecer ao futuro? E tenta buscar sua resposta em Anton, no seu empenho para conseguir ser hoje "um bom pai". A diretora procura mostrar o que deve fazer (ou não fazer) um pai para estar à altura do papel mais em crise no Ocidente.

Vê nisso, em primeiro lugar, a 'presença' capaz de não responder às provocações e que não se rebaixa para restituir o golpe, mas mostra ao filho como a fraqueza (momentânea) possa traduzir-se em força. Correndo o risco de parecer (temporariamente) covarde. Contudo, há também, outra responsável pela educação e que entra em ação na trama do filme: a escola.

Não se pode deixar só para a família o dever de educar a consciência. Esta se constrói praticamente em base àquilo que se faz e se experimenta diariamente, no contexto social. Em uma cultura relativista não se educam consciências.

Sobre o objetivo do filme - Provocar uma revolução ética corajosa e provocatória, um reinício a partir do perdão.

Na visão final pode-se reconhecer como o relato oferece a todos uma história bem diretiva e bem interpretada, capaz de transmitir algumas certezas. Em particular que "o mal, às vezes, esconde-se dentro" e "de fora" vem apenas a centelha que o provoca, a isca. O adulto (família-escola-sociedade) deveria saber ler os sinais de alarme, com o seu olhar atento e a sua presença educativa. Além disso, a obra no seu todo, acompanha o expectador à conscientização de quanto seja fácil e devastador seguir pelo caminho da vingança e, ao contrário, explica também como o passo para o perdão não só é possível, mas apresenta-se como possibilidade única para recomeçar a viver. Precisamente, para construir "um mundo melhor". A trama narrada presta-se para mais de uma leitura, enfrentando temas delicados como a assimilação do luto (a morte da mãe) e a incomunicabilidade pais-filhos. Temas difíceis, como o da crise no casamento que, por sua vez, fala de adultos que lutam para encontrar o próprio lugar em um mundo sempre à beira de uma violência insensata que não poupa nem mesmo os mais jovens.

ESTANTE VÍDEOS *por Mariolina Parenteler*

Rabbit Hole

JOHN CAMERON MITCHELL

Estados Unidos, 2010

Comedido e esplendidamente interpretado tem o grande mérito de saber confrontar-se de maneira digna com um tema delicadíssimo: a aceitação de um luto, focalizando também a questão do perdão. O diretor independente, John Cameron, realizando a película procura ele mesmo cuidar pessoalmente da morte do irmãozinho, dez anos mais novo, que o marcou para sempre desde a sua adolescência.

«Bem transmitida pelas fisionomias dos dois protagonistas (Aron Ecckhart e Nicole Kidman), a dor passa dos olhos à pele e entra no coração dos pais, lá onde a ternura substitui o pranto e a consciência do amor 'entre os dois' consegue enfim fazer aceitar aquela perda irreparável», comenta a ficha de avaliação pastoral da ACEC. Danny, de quatro anos, há pouco menos de 8 meses, foi pego por um carro quando tentava perseguir o cão fora de casa. A tragédia perturba a existência de ambos, jogando-os numa espiral de lembranças, sentimentos de culpa, desejos, raiva da qual não conseguem se livrar. Ele continua a vida de antes: trabalha, joga, procura um "contato" cotidiano com a mulher e, somente à noite fica sozinho para ver até cansar os vídeos de seu filho brincando. Ela, ao invés, está bloqueada, suspensa entre o incancelável pensamento daquele filho do qual não pode mais gozar, ver crescer, e o impulso para uma superação que deve desfazer, cancelar qualquer coisa que possa perpetuar a lembrá-la de Danny. «O diretor não é retórico nem consolador, permanece numa posição patológica com o assentimento de um elenco de grande porte, mais com seus silêncios do que com suas palavras, e despedaça o nosso coração sem que o percebamos– escreve o crítico Maurizio Porro. Mas, para além de tudo isso, impõe-se e vence a força do amor recíproco, que permanece».

Um gélido inverno – (Winter´s Bone)

DEBRA GRANIK

Estados unidos – 2001

O título italiano toma o nome do romance do qual é extraído. O autor do livro, publicado em 2007, é Daniel Woodrell, nascido nas montanhas Ozark, no Missouri, e fala de lugares/situações que conhece muito de perto. Eis a trama: na pequena comunidade montanhesa, Ree, ainda menor de idade, acudiu os irmãozinhos e uma mãe com deficiência.

Administrou a casa, um terreno, cães, gatos e cavalo – pobre e indispensável propriedade da família – conseguindo, com dificuldade, alimentá-los graças ao pouco que consegue obter da caça e da busca de lenha no bosque. O pai, produtor ilegal de anfetaminas para o tráfico de drogas, hipotecara tudo para pagar a própria fiança e sair da prisão.

Quando chega a notícia de que se ele não se apresentasse ao processo tudo seria penhorado, Ree já esmagada pelas responsabilidades aflige-se com a necessidade urgente de cuidar dos pequenos e da mãe. Disposta a tudo ela se põe em busca do pai desaparecido, com uma determinação irremovível e heróica.

O contexto em que vive é realmente gerenciado por fechamentos mentais férreos, por gente sujeita a uma lei tribal violenta, em particular quando entram em jogo o tráfico e as relações com as autoridades institucionais. Estamos no Missouri, em pleno Midwest, onde os vínculos de sangue que a unem à maior parte daqueles com os quais deve confrontar-se, estão impregnados de desconfiança, raiva e cumplicidade.

Na obra emerge, portanto, uma América toda ou quase toda desconhecida, com uma esplêndida fotografia que revela uma paisagem bela e ao mesmo tempo hostil, com ambientações paupérrimas e a descrição minuciosa da esquálida cotidianidade em que vivem todos os personagens. A jovem protagonista de dezessete anos representa a outra face de uma comunidade doentia que tocou o fundo do poço e que, talvez, esteja pronta para resgatar-se.

Lá onde falta a família e o contexto social e cultural é inadequado, é a vida, por mais dura e cruel que seja, que ensina e faz crescer,

---

ESTANTE LIVROS *por Adriana Nepi*

A MONTANHA DOS SETE PATAMARES - *Thomas Merton*

O livro foi publicado na América há mais de meio século e fez a fama do autor que, em seguida, escreveu muitos outros, ricos de uma espiritualidade profunda e ao mesmo tempo acessível a todos.Trata-se da história de uma alma, que nada tem de intimista mas envolve os aspectos interessantes de toda uma época histórica e eclesial: antes e depois do Vaticano II. A primeira parte nos leva a perambular, através de uma teia de experiências, de encontros, de emoções, na busca de uma indefinida satisfação que, gradualmente, se torna busca consciente de Deus. Seguimos a criança, depois o adolescente e o jovem, indo e vindo de país em país, primeiro acompanhando as mudanças do pai, pintor de talento, em busca de inspirações sempre novas e de sucesso: França, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos... O jovem Merton viverá na América até o seu ingresso no mosteiro trapista do Getsêmani, depois de ter passado, da vaga religiosidade familiar com molde fortemente anticatólico, alternada com momentos de ingênuo ateísmo, até o batismo, sob condição, na Igreja Católica e a profissão cistersiense. Um caminho exigente, que já se exprime no título, evocando a ascensão do Purgatório dantesco. Mais do que uma vida de pecado (pois o severo julgamento que faz de si é típico de cada consciência convertida), Thomas Merton, que se tornou Irmão Luis, deixou para trás a vida dissipada e amante dos prazeres, da juventude, saciada mas insatisfeita, de seu tempo; hoje, mais que ontem, a juventude constitui a sincera preocupação da Igreja. Também por isso o livro, fluente como um romance, ainda pode ser interessante.

POR UMA IGREJA DESCALÇA - *Ernesto Olivero - Priuli & Verdicchia 2010*

"E um ato de amor para com a Igreja, o grito sofrido de um enamorado que quer tirar toda ruga do rosto da Esposa, uma apaixonada proposta para voltar ao evangelho *"sine glossa".* Assim diz o card. Comastri no prefácio. O título do livro talvez possa fazer supor polêmicas acaloradas. Não, aqui as argumentações são fatos, fatos reais, e se respira um ar de otimismo e de misericórdia universal. Olivero não é um grande escritor, talvez, mas uma mente libertada e lúcida (poucas ideias mas, claríssimas), um grande coração, uma alma intrépida: vê-se aqui em que pode se tornar este tecido, não tão comum, quando você o deixa nas mãos de Deus. Todos nós já sabemos o que é o Sermig: um grupo missionário fundado por um jovem leigo, (bancário, casado com três filhos) e por uma dezena de rapazes convictos de que o mundo está mudando e que você pode mudar.

Do Sermig nasce, vinte anos depois, aquela maravilha que é o Arsenal da Paz. Vista por fora, essa obra inacreditável pode despertar apenas estupor e admiração: é preciso entrar dentro dela para que se lhe colha o segredo, faça pensar e suscite inquietações benéficas. Não bastam as cifras vertiginosas, ocorre encontrar rostos humanos, ler histórias humanas: Desde Cavallero (o cruel assassino em série) aos milhares de criaturas anônimas, salvas da miséria ou do desespero por terem encontrado "portas sempre abertas"; desde os milhares de voluntários de toda classe social, até os jovens que, na ebulição dos anos 60, confiaram num homem sem aparências nem recursos e o seguiram para uma revolução diferente, levada avante apenas com as armas do amor e da oração.

O LIVRO

Tudo a seu tempo - *Enzo Bianchi*

Há quem o julgue o mais belo livro de Enzo Bianchi. Difícil é encaixá-lo num gênero literário: uma autobiografia? Um ensaio? Um livro de memórias para transmitir o sabor agradável da vida? Um pouco de tudo isso e ainda mais...

O autor começa introduzindo-nos na sua primeira cela de monge, revelando-nos um pouco do seu segredo: "...Um leito, uma cadeira, uma mesa, uma lâmpada a óleo, um aquecedor a lenha... Por quinze anos a minha cela foi assim, sem luz elétrica, despojada e nua: anos em que toquei com a mão como é difícil a arte de morar consigo mesmo, e como é demorado aprender a harmonizar o estudo e a oração, o trabalho e o repouso, a solidão e a comunhão... Ali compreendi a ciência dos Padres da Igreja que diziam: *cella continuata dulcescit".*

Segue uma série de *flash* (mas o termo não restitui a calma com que brotam da página branca da memória). E eis o retrato da velha Muchèt, a selvagem solitária, com a veste rasgada e suja, com coração e mente de rainha: sempre a última a falar, pronta para concluir com argutos aforismos cheios de sabedoria.

E eis tantos queridos costumes do passado: a fogueira de S. João Batista, com a agitação alegre dos adolescentes recolhendo ramos secos ou cabos de vassoura para preparar o monte de troncos e acender o fogo na noite da vigília; os belos jantares de um tempo, quando comer juntos era quase um rito, e saborear o bom vinho em companhia, era celebrar as alegrias da amizade; o dia de finados e o culto dos túmulos, não ainda mesclados com o carnaval do Hallowen; o Natal não ainda ofendido pelas luzes falsas de uma publicidade desenfreada. Não há amargura nessas lembranças, mesmo comparando com um mundo que parece desmemoriado e barbarizado, em muitos aspectos. A realidade humana é contemplada com profunda participação, mas com o sereno desapego de quem olha a partir do silêncio de uma cela: na luz de uma esperança que repousa na promessa de Deus...

As últimas páginas, de rara beleza, são mais abertamente autobiográficas. Aprende-se que o autor, filho único, provém de uma família paupérrima. A morte prematura da mãe deixa um menino de oito anos só com o pai: uma convivência sem verdadeira comunicação, que pesa como uma capa de chumbo sobre o órfão tímido e triste. O retrato do pai é pleno de realismo e de respeitosa admiração. Pinèn (Giuseppe), como todos o chamavam, era um socialista inimigo dos padres e das pessoas da Igreja, que gostava de fazer provocações com brincadeiras. Era, todavia, um homem profundamente honesto, cheio de uma sabedoria rude: Entre as raras palavras paternas, estas permaneceram sempre gravadas na alma do menino: "Saiba que, se você se tornar ladrão eu o mato!", "Nunca diga o que você não pensa", "Todos os dias você terá ocasião para não ser um covarde". Se precisasse manifestar um juízo sobre alguém, era categórico: "Aquele é um justo" ou: Aquele não sabe o que é a justiça" ou talvez: "Nunca deixar de dar de comer a um viajante deixando-o fora da porta: seria injusto!". Quando o filho adulto se lançou na aventura que o teria levado a fundar a comunidade de Bose, o pai disse desconsolado: "Em toda família nasce um filho estúpido, e eu tenho só um filho..." e cortou as relações com ele. Alguns anos mais tarde, sem avisar, foi a Bose, observou como vivia a pequena comunidade, e disse: "Talvez a coisa mais justa que você fez". A Providência havia colocado no caminho de Enzo duas mulheres extraordinárias: uma era a carteira da aldeia, a outra era a professora. Quando morreu a mãe, ambas assumiram o cuidado do pequeno órfão. Não ricas, boas amigas ligadas entre si pela fé comum e por um verdadeiro ardor de caridade, foram as benfeitoras, não só material, do menino, pois, lhe deram afeto, compreensão, autoconfiança, que são o oxigênio necessário ao crescimento feliz de uma criança. Na casa delas (viviam juntas) encontravam acolhida os camponeses do lugar que as procuravam para falar de seus problemas e pedir conselhos; pela manhã, o médico e o pároco iam lá tomar o café, preparado com o esmero devido aos hóspedes. Às vezes, à tarde, o médico voltava para ouvir música clássica, junto com elas. "E eu estava lá, aprendendo a viver".

As últimas páginas são quase um hino ao dom da amizade: Bertino, Nanni e Roberto foram os inesquecíveis amigos de sua primeira juventude. Depois vieram muitos outros, para aquecer com a alegria da partilha o árduo caminho da vida. Estas páginas, plenas de verdade e de poesia, dedicadas ao tema da amizade, mereceriam um discurso mais amplo, como aquelas sobre a realidade do envelhecimento e da morte. "Plantei uma avenida de tília ao longo da estrada que conduz ao meu eremitério: perguntei-me a mim mesmo se chegarei a gozar da sua sombra e das rajadas de perfume das suas flores no mês de maio. Mas eu as plantei para embelezar a terra que deixarei, para que outros sejam inebriados pelo seu perfume". E que dizer do epílogo? Saindo da cela, o monge volta para a cela. A Bíblia é a sua cela fiel... "Onde esteja, em qualquer momento, basta-me abrir a Bíblia para que ela se torne o meu lugar de solidão e de silêncio, o lugar do pensar e do rezar...". E o evangelho! "um livro a quatro vozes que se esquiva de todo compêndio que o reduzisse a um sistema teológico ou dogmático ou a um tratado de moral. Um livro cuja bondade é sempre expressa pela beleza: duas linguagens que falam ao coração...".

Fechando o livro, sente-se ter encontrado um homem verdadeiro, um monge com coração de carne.

NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ	***Testemunhas nas periferias***
PRIMEIRO PLANO:	***Fio de Ariadne*** **Paciência e audácia**
EM BUSCA:	***Pastoral*** **Qual é o caminho da felicidade?**
COMUNICAR:	***Testemunhas digitais*** **Caminhos e atalhos do continente digital**

A "esperteza" do perdão

Um pouco de amargura, mais cedo ou mais tarde, todas nós sentimos.

A memória de uma afronta sofrida. De uma ofensa. De uma obediência recebida de modo errado. De uma falta de sensibilidade que dura anos. Então, começa-se a ruminar e, com o passar do tempo, experimentar um pouco de arrependimento, a fechar-se interiormente num sentimento de insatisfação e de negatividade.

"Sempre trabalhei na Congregação, sem me poupar, mas com a sensação de não valer muito, de não ser valorizada como pessoa, de ser colocada de lado quando não servia mais. Aposentei-me, depois de muitos anos de magistério, sem sequer um agradecimento", escreve uma FMA, expressando um sentimento bastante generalizado.

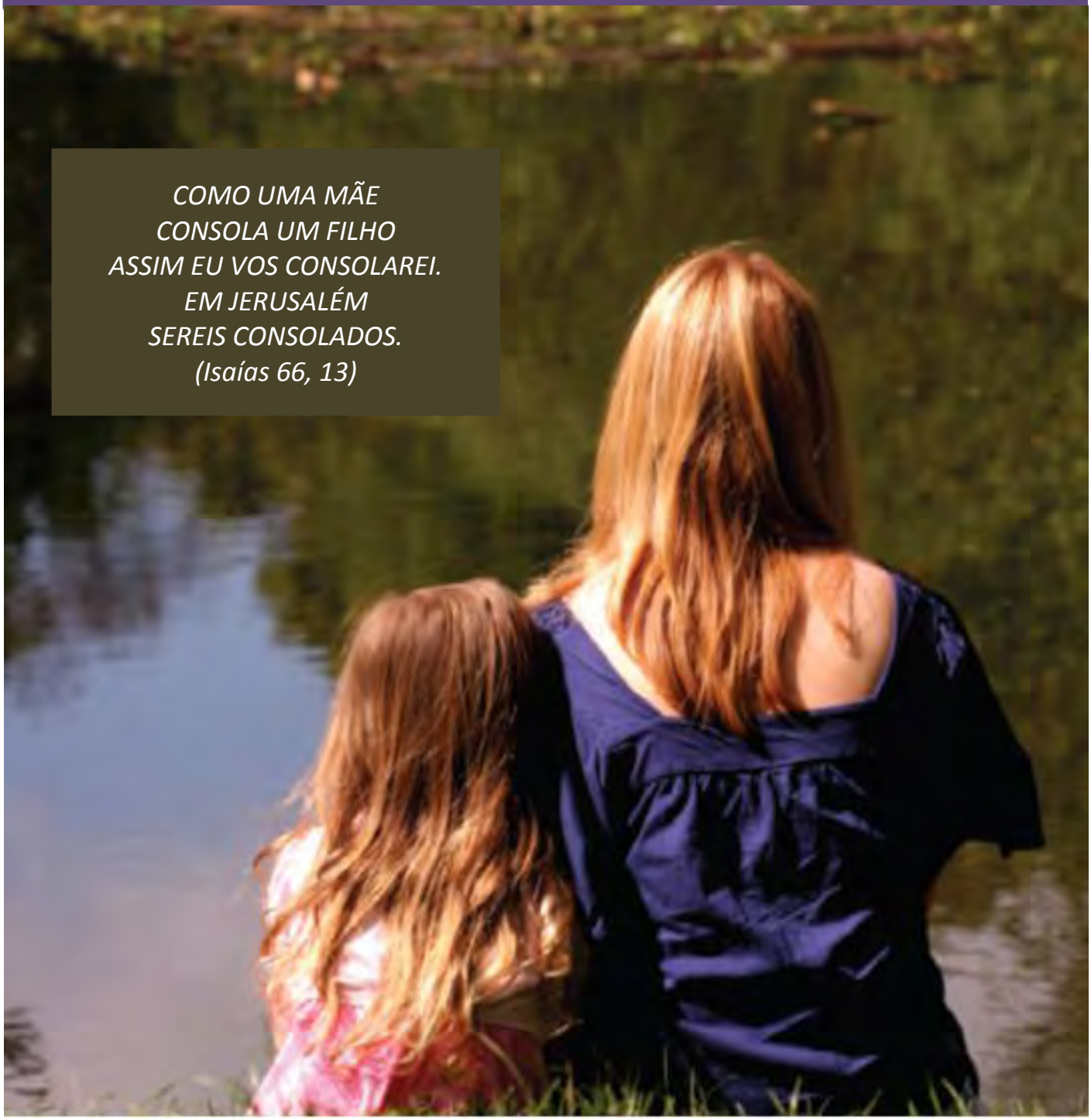
Devemos perdoar.

Erros, talvez involuntários, cometidos em nós, faltas que a nossa sensibilidade nos faz sentir como faltas graves ou que são realmente graves.

Conhecemos muito bem as raízes cristãs do perdão. Lemos o Evangelho da vida. Mas as razões humanas merecem atenção, também elas e, com as devidas diferenças do caso, parecem-me iluminadoras as palavras de Mário Calabresi: "*Minha mãe sempre nos dizia: Vocês não devem cultivar o ódio, o ressentimento, a raiva, a vingança. Apesar de ser uma pessoa profundamente religiosa e de fé, ela não dizia isso por motivos religiosos. Dizia-o por um motivo que eu definiria utilitarista mas, na realidade, era algo muito maior.*

Ela dizia que o rancor é uma sacanagem. Porquanto, é um sentimento de tal modo forte e poderoso que devora qualquer outra coisa. Se pela manhã vocês se levantam com um pensamento de raiva, ele vai dar cabo da sua jornada. Matará qualquer possibilidade de se divertir, de construir, de pensar, de enamorar-se, de apaixonar-se por qualquer coisa. Portanto, ele será uma sacanagem. Em cada manhã em que despertarem com sentimentos de rancor, naquela manhã os terroristas serão os vencedores, porque eles lhes ditarão as regras do desenrolar de sua jornada. Se vocês são alegres e pensam em construir sua vida façam justiça à memória de seu pai que ficaria feliz ao ver que seus filhos não são prisioneiros da raiva". Perdoar, em suma, é um modo de não perpetuar um erro, de não reforçá-lo. O perdão subtrai ao outro o poder de continuar a influenciar a nossa vida e nós escolhemos não nos considerar mais como vítimas, mas como protagonistas. Talvez o mundo tenha necessidade desta lição de felicidade e de grandeza.

Sua amiga

AS ALMAS MAIS PURAS E MAIS REFLEXIVAS SÃO AQUELAS QUE AMAM AS CORES. (JOHN RUSKIN)

NA TUA PALAVRA